

**FACULDADE DE SÃO BENTO
GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

LOUIS MARIE NDOMO EDOA

**A REDESCOBERTA DA ALEGRIA NO
PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO À LUZ DA
*EVANGELII GAUDIUM***

SÃO PAULO

2016

**FACULDADE DE SÃO BENTO
GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

LOUIS MARIE NDOMO EDOA

**A REDESCOBERTA DA ALEGRIA NO
PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO À LUZ DA
*EVANGELII GAUDIUM***

SÃO PAULO

2016

LOUIS MARIE NDOMO EDOA

**A REDESCOBERTA DA ALEGRIA NO PENSAMENTO DO
PAPA FRANCISCO À LUZ DA *EVANGELII GAUDIUM***

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade de São Bento como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof^o Dr. Domingos Zamagna

SÃO PAULO

2016

LOUIS MARIE NDOMO EDOA

**A REDESCOBERTA DA ALEGRIA NO PENSAMENTO DO
PAPA FRANCISCO À LUZ DA *EVANGELII GAUDIUM***

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade de São Bento como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof^o Dr. Domingos Zamagna

Monografia apresentada, defendida e aprovada pela Banca Examinadora em: **20/06/2016**

Membros da Banca examinadora:

Prof^o Dr. Domingos Zamagna (Orientador)

Faculdade de São Bento

Prof^o Ms. Danilo Mondoni

Faculdade de São Bento

Prof^o Ms. José Afonso (Hildebrando) Brito de Miranda

Faculdade de São Bento

A minha irmã Salomé NTSAMA EDOA falecida em 2011.
Aos meus pais: Jean EDOA ZOA e Salomé NTSAMA MBIDA.
Ao Papa Francisco.

AGRADECIMENTOS

Senhor, seja o meu abrigo e proteção, pois em Ti encontro refúgio. Pela honra de Teu nome, guia meus caminhos. Te dou graças e Te bendigo por aquilo que, na Tua infinita bondade, sem nenhum merito de minha parte, faz por mim. Te peço ó Deus, de Te dignar abençoar todas as pessoas que trabalharam de uma maneira ou outra na realização desse humilde trabalho. Concede-lhes, ó Pai aquilo que eles te pedem e dá a cada um segundo o seu coração.

A realização do curso de Teologia e a produção desse trabalho se fez possível com a colaboração e o incentivo generoso de muitas pessoas. Como não desejo partir e esquecer alguns, gostaria de agradecer a todos que de uma maneira ou outra ajudaram. Destaco em particular:

Os meus pais Jean e Salomé Edoa e a toda minha família. O dom da vida e a educação recebida em família são as coisas mais preciosas que recebi nesse mundo. Por isso agradeço.

O meu agradecimento especial vai ao Frei Sebastião Benito Quaglio, fundador e primeiro Diretor Geral do Instituto dos Missionários da Imaculada – Padre Kolbe e através dele todos os missionários da minha família espiritual.

Ao professor Domingos Zamagna, meu orientador e com ele todos os membros do corpo docente e administrativo da Faculdade de São Bento.

Um pensamento vai também aos voluntários e Missionárias da Imaculada – Padre Kolbe que completam a nossa família espiritual.

Não me esqueço dos colegas com quem partilhei esses três anos de estudos e através deles quero agradecer ao corpo discente da Faculdade.

A todos e a cada um em particular o meu muito obrigado, que Deus abençoe!!!

“ O amor afugenta o medo (1Jo 4,18). Saber que estamos abrigados no amor de Deus tira de nossa existência o medo, a incerteza, a sensação de estarmos perdidos e sem chão, dá sentido e apoio. Portanto, anunciar a palavra de Deus significa propiciar dignidade, apoio, sentido e consolo ao homem. A palavra de Deus é para nós felicidade e alegria de coração (Jr 15,16); anunciar a palavra de Deus significa proporcionar ao homem, com alegria em Deus, a alegria por existir.”¹

Cardeal Walter Kasper.

¹ KASPER, Cardeal Walter, *Servidores da alegria, existência sacerdotal – serviço sacerdotal*, Tradução Milton Camaro Mota, Loyola, São Paulo, 2008, P.85.

RESUMO:

O presente trabalho se fundamenta no contexto atual da Igreja, que sente grande necessidade que viver mudanças profundas na maneira de apresentar a mensagem cristã às novas gerações. O mundo hoje perdeu o sentido da expressão alegria e não acredita mais na possibilidade de encontrá-la nos ensinamentos cristãos. Daí a necessidade de reinventar e reavaliar o método usado para apresentar a fé. Nesse sentido, o Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, considera a urgência de uma “renovação ... inadiável” (EG 27), pois “o Evangelho, onde resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria” (EG 5). Nesse estudo, procuramos analisar como se pode redescobrir o sentido da alegria que vem do Evangelho à luz a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. A pesquisa é feita usando o método da ação católica Ver-Julgar-Agir, lendo na história e julgando à luz da Sagrada Escritura e do Magisterio. Conclui-se sugerindo caminhos para a vivência e o anúncio da alegria na perspectiva do magistério do Papa Francisco.

Palavras-chave: Alegria/felicidade. Nova evangelização. *Evangelii Gaudium*. Sagrada Escritura. Misericórdia. Teologia do encontro. Outro. Amor.

RÉSUMÉ

Le présent travail se base sur le contexte actuel de l'Église, que sent un grand besoin de vivre profonds changements dans la manière de présenter le message chrétien aux nouvelles générations. Le monde aujourd'hui a perdu le sens de l'expression Joie et ne croit plus à la possibilité de l'atteindre dans les enseignements chrétiens. D'où le besoin de reinventer et re-évaluer la méthode utilisée pour présenter la foi. C'est dans ce sens que le Pape François, dans l'Exhortation Apostolique *Evangelii Gaudium*, la considère comme urgence d'un “renouveau ... qu'on ne peut différer” (EG 27), parce que “L'Évangile, où resplendit glorieuse la Croix du Christ, invite avec insistance à la joie” (EG 5). Dans le présent étude, nous essayons d'analyser la façon dont nous pouvons redécouvrir le sens perdu de la Joie à la lumière de l'Exhortation Apostolique *Evangelii Gaudium*. La recherche est effectuée en utilisant la méthode de l'action catholique voir, juger et agir. Pour cela, nous faisons une lecture du concept de l'histoire et jugeons en nous basant sur l'Écriture Sainte et le Magistère. Nous concluons en proposant des pistes qui peuvent aider dans la manière de vivre et annoncer la Joie dans la perspective du magistère du Pape François.

Mots-clé: Joie/félicité/bonheur. Nouvelle évangélisation. *Evangelii Gaudium*. Écriture Sainte. Miséricorde. Théologie de la rencontre. Autre. Amour.

LISTA DE SIGLAS

- a.e.c Antes da era comum ou ainda Antes de Cristo (a.C.)
- AL Exortação Apostólica Pós Sinodal *Amoris Laetitia*.
- CIgC *Catecismo da Igreja Católica*.
- CNBB Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
- DD Carta Apostólica *Dies Domini*.
- DV Constituição Dogmática *Dei Verbum*.
- e.c Era comum ou ainda Depois de Cristo d.C.).
- EG Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.
- EN Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.
- GD Exortação Apostólica *Gaudete in Domino*.
- GS Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.
- LG Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.
- LS Carta Encíclica *Laudato Si*.
- MV *Misericordiae Vultus*: Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia.
- RH Carta Encíclica *Redemptoris Hominis*.
- RM Carta Encíclica *Redemptoris Missio*.
- SD Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.
- VS Carta Encíclica *Veritatis Splendor*.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO:	12
1. A COMPREENSÃO DA ALEGRIA NO TEMPO:	16
1.1: Conceito etimológico:	16
1.1.1: O dicionário de Língua portuguesa	17
1.1.2: O dicionário de Teologia bíblica de Bauer	17
1.1.3: O dicionário da <i>Evangelii Gaudium</i>	19
1.2: Definição da alegria nas diferentes épocas da história da filosofia:	20
1.2.1: Antiguidade: entrada do conceito da alegria no mundo filosófico	21
1.2.2: A alegria na Idade Média	23
1.2.3: A alegria na Modernidade	24
1.2.4: A alegria na Contemporaneidade	25
1.3: Entendendo a alegria hoje: Pesquisa sociológica:	26
1.3.1: Pesquisa sociológica	26
1.3.2: Apresentação, análise e Interpretação dos resultados da pesquisa	26
2. A ALEGRIA: SAGRADA ESCRITURA E MAGISTÉRIO:	32
2.1: A alegria em Lucas:	32
2.1.1: A alegria do evento Cristo	33
2.1.2: A misericórdia como fonte de alegria em Lucas	35
2.1.3: A alegria em Lucas, fruto do amor de Deus pela humanidade	37
2.2: A alegria nos documentos do Magistério:	38
2.2.1: A alegria na Exortação Apostólica <i>Gaudete in Domino</i> de Paulo VI ..	38
2.2.2: A alegria na Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>	43
3. A ALEGRIA DE CRISTO COMO BASE DE REDESCOBERTA:	50
3.1: Alegria na ternura:	50
3.1.1: Ternura amor	50
3.1.2: Ternura e risco: crer em Deus	52
3.1.3: Ternura e encontro com o outro	53

3.2: A cultura do encontro como fonte de alegria:	54
3.2.1: A aculturação do encontro	54
3.2.2: A inculturação como realização plena do encontro	55
3.2.3: A transculturação do encontro como lugar de alegria	56
3.3: Alegria na gratuidade:	57
3.3.1: Tudo é dom; devemos aprender a agradecer	57
3.3.2: Alegria e generosidade: fruto da sabedoria	58
3.3.3: Encontrar o outro na gratuidade	59
3.4: Alegria, dor e amizade:	60
3.4.1: Dor e compaixão	60
3.4.2: Partilhar o sofrimento do outro por amor	61
3.4.3: Amizade ; lugar de crescimento	62
3.4.4: Jesus modelo de amizade	63
3.4.5: Alegria: fruto da vivência da amizade com o outro	64
 CONCLUSÃO:	 67
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	 72
 ANEXO: QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA SOCIOLÓGICA:	 76

INTRODUÇÃO

A alegria é uma emoção ou um sentimento, mais ou menos longo, que enche a consciência total do ser humano. Ela se aproxima do bem-estar, mas se distingue ao mesmo tempo dele e também das satisfações do corpo², limitadas só a uma parte da consciência. Ela é procurada por todos, pois é um direito de todos precisando ser assegurado com condições ao alcance de todos³. Ainda, a sua busca faz parte “*da essência do ser humano e vem testemunhada em todas as culturas*”⁴. Mas os meios para alcançá-la são dos mais desafiadores, sobretudo no mundo no qual vivemos.

O desenvolvimento das ciências e da tecnologia, frutos da revolução científica ocorrida no século XVI, levou o ser humano a acreditar na possibilidade de alcançar a alegria de maneira fácil e às vezes de poder comprá-la. Isso foi criando uma sociedade onde são valorizados o egoísmo, o egocentrismo, o consumismo e o narcisismo. Uma sociedade onde o capitalismo se tornou o decodificador universal, dando acesso a todas as portas. Uma sociedade onde se ouve dizer: ‘fora do mercado’⁵ não há alegria. Sociedade onde alguns são excluídos e onde a alegria não se encontra mais nas periferias existenciais, geográficas e naturais. Enfim, uma sociedade em crise que está enfrentando grandes dificuldades.

Essas dificuldades enfrentadas pela sociedade se refletem em todas as instituições presentes no nosso mundo. Entre elas está a Igreja. Em nossos dias, a Igreja enfrenta inúmeras dificuldades em transmitir a fé às novas gerações. Não se trata, portanto de um problema novo, pois esse já esteve na pauta de muitos encontros desde o Concílio Vaticano II e observado em escritos de papas. A mensagem cristã da salvação, que anuncia a alegria como Boa-notícia de Jesus Cristo, é dirigida a homens e mulheres que vivem numa época

² Os prazeres. Do latim ‘*placere*’, o prazer é uma sensação de bem-estar. Uma pessoa pode ter prazer sem demonstrar alegria e vice-versa. As pessoas costumam demonstrar alegria ao sentir prazer. Em geral, o prazer é uma resposta do organismo ou da mente indicando que nossas ações estão sendo benéficas a nossa saúde. Segundo João Batista Libanio, no seu livro *A ética do cotidiano: obra póstuma, “O ser humano lidou com o prazer, ao longo da história, não sem dificuldade. E o cristianismo, em particular, viveu situações paradoxais. A ética elabora-se em contextos culturais determinados”* (p.61). O prazer pode ser atingido através de várias maneiras, tais como comendo, cantando, dançando, praticando exercícios físicos, tendo relações sexuais, escutando música, lendo, conversando, trabalhando. Todas essas atitudes, mesmo trazendo prazer, ainda não são alegria, pois são sensações sentidas apenas por um momento. É aí que se encontra a diferença entre prazer e alegria.

³ Como estipula a Constituição dos Estados Unidos: todos têm direito à felicidade.

⁴ Leonardo Boff. Felicidade: não correr atrás de borboletas, mas cuidar do jardim para atraí-las. In *Felicidade foi-se embora?* (BETTO, FREI; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario S.). Petrópolis: vozes. 2016. P.41.

⁵ Consumismo e capitalismo. Mercado entendido como lugar onde se acredita que pode ter troca da alegria com o poder financeiro. Ou ainda se acredita que o poder financeiro pode assegurar todas as coisas.

histórica e numa sociedade concreta onde os valores parecem ser outros. Isso faz com que querer manter a mesma modalidade de transmissão da fé, quando o cenário é outro, faz uma solução cômoda, ineficaz, gerando grande crise e dificuldades.

A sociedade atual é diversificada, participativa, secularizada e dominada por uma racionalidade marcada pelo científico-experimental e econômico. Onde se acredita que a ciência pode trazer respostas a todas as perguntas e ser a única a poder fornecer para o homem alegria de modo mais prático e fácil, acabando assim com o entusiasmo do discurso cristão. Daí a importância de se rever a modalidade de transmissão da mensagem cristã do passado, comparando-a com a dos outros saberes do dia de hoje. Faz-se necessário considerar que a fé não pode ser mais pressuposta, porque ela está sendo questionada e a sua sustentabilidade desacreditada. Isso implica, como consequência concreta, que para algumas pessoas, ela não responde mais aos problemas que levanta a vida e então não traz mais alegria.

O presente trabalho visa a responder à pergunta: como, a partir da *Evangelii Gaudium*, podemos redescobrir o verdadeiro sentido da alegria num mundo onde a mensagem cristã parece não mais interessar? Como redescobrir essa alegria do Evangelho num mundo onde se quer respostas práticas que a mensagem de Cristo não traz?

Escolhemos como documento de base a *Evangelii Gaudium* entre tantos outros que trataram do mesmo assunto e dialogaram com o mundo em diferentes momentos históricos pelo seguinte motivo: a *Evangelii Gaudium*, além de se lançar no diálogo com o mundo, tem um grande interesse dos cristãos em conhecer o parecer da Igreja numa visão e perspectiva nova nos dias de hoje à luz da palavra de Deus. Ela é um documento esperado e acolhido com grande expectativa pelo público não só cristão, mas ainda pelo mundo na sua grande maioria. Nela, o Papa Francisco faz interpelações pertinentes à Igreja e apresenta a alegria como base para a boa vivência não só cristã mais ainda social. Para alcançar essa alegria, é necessário adotar algumas atitudes próprias de Cristo, as assumir e se decidir de vivê-las a cada dia. O principal critério para conseguir viver e anunciar essa alegria é acreditar que ela “nos traz uma plenitude que não vem de nenhuma outra realidade senão dela mesma, pelo nosso reto agir e pelo viver correto”⁶.

Para podermos defender essa tese, nossa pesquisa seguirá o método Ver-Julgar-Agir, baseando-se na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Além dos escritos relacionados

⁶ Leonardo Boff. Op. Cit. P.41.

ao conceito estudado, daremos uma ênfase maior ao Evangelho de Lucas e aos documentos do Magistério da Igreja.

A nossa dissertação se intitula: *A redescoberta da alegria no pensamento do Papa Francisco à luz da Evangelii Gaudium*. A nossa sociedade está carente de alegria para poder re-encontrar o sentido e o prazer da vida. A necessidade de alegria se mantém diante do desafio de conservar atual e sempre presente a mensagem do Evangelho. Para a sociedade atual, a redescoberta da alegria na mensagem cristã exige uma conversão de mentalidade e de relacionamento em relação aos modelos até então usados para comunicar e viver a fé. Faz-se importante hoje e urgente perceber que “*mesmo para a pessoa que não tem fé, as bem-aventuranças de Jesus indicam o caminho da felicidade*”⁷. Por isso, a alegria que provem do Evangelho deve ser anunciada a todos sem exceção nem discriminação.

A abordagem do tema será realizada em três partes. Na primeira parte, buscaremos compreender o conceito da alegria nos diferentes contextos históricos. Por isso, faremos em primeiro lugar uma tentativa de definição etimológica do conceito de alegria⁸. Em seguida analisaremos o conceito nas diferentes épocas da história da humanidade e seremos guiados nessa ardua tarefa pela ciência que sempre acompanhou o ser humano na sua evolução atrás do saber: a filosofia. Enfim, através de uma pesquisa, buscaremos compreender como, hoje, o conceito alegria é entendido; responderemos então à pergunta: o que para as pessoas hoje é considerado ser a alegria?

Na segunda parte, abordaremos o conceito de alegria no quadro exclusivo da teologia. Por isso, em primeiro lugar, iremos na Sagrada Escritura, de modo particular no Evangelho de Lucas, para descobrir como está ilustrada a alegria nas ações de Cristo ou quais são as expressões de alegria apresentadas por Lucas. Em seguida, através da Exortação *Gaudete In Domino*, buscaremos entender como foi interpretada a alegria na época pós-Vaticano II e com a *Evangelii Gaudium* qual é a alegria à qual somos convidados, pelo atual Papa da Igreja, a buscar e a anunciar.

Nessa parte, pensamos que se faz necessário lembrar que todo documento da Igreja costume refletir não só a personalidade de seu respectivo Pontífice, mas também e, sobretudo

⁷ BETTO, Frei. Quanto custa ser feliz? In *Felicidade foise embora?* (BETTO, FREI; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario S.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 36.

⁸Tentaremos seguir o pensamento do filósofo Martin Heidegger que pensa que antes de toda abordagem de conceito, é bom defini-lo em primeiro lugar para evitar nos perdemos mais tarde. A definição do conceito ajudará também a delimitar o campo no qual usaremos a expressão alegria e tentará deixar bem claro qual é o sentido que aplicamos o conceito.

responder aos problemas de seu contexto histórico. Procuraremos então conhecer e entender melhor o contexto no qual foi redigido a *Evangelii Gaudium*, para uma melhor interpretação de suas propostas. Nisso, teremos sempre em mente que para o Papa o desafio principal é apresentar ao mundo um Jesus Cristo verdadeiro, que se fez carne e se comprometeu com a história da humanidade, sendo Ele a única e verdadeira fonte de alegria humana. O encontro com Ele é que garante então a alegria.

Na terceira e última parte, a partir dos desafios que apresentam a vida hoje e das propostas de Cristo, vamos redescobrir o que é e como alcançar a verdadeira alegria. Aquela à qual aspiramos e que se torna possível só na vivência de algumas qualidades apresentadas por Cristo como o encontro com o outro, a gratuidade, a amizade, o amor e outras atitudes. Redescobriremos o verdadeiro sentido da alegria humana diante do sofrimento e da dor que “*não significa a ausência de tais limitações, mas a capacidade, de forma inteligente e inventiva, de conviver com tais contradições*”⁹.

Concluiremos a nossa pesquisa fazendo num primeiro momento um lembrar do caminho percorrido. Assim, ponto a ponto, faremos um pequeno resumo das ideias gerais presentes em cada parte. Em seguida, responderemos de maneira objetiva, mas não final à pergunta que orienta nosso trabalho, e enfim apresentaremos alguns desafios através de algumas perguntas que poderão ajudar a continuar a reflexão após nós, já que consideramos o assunto de grande importância para o nosso mundo. Isso ajudará o nosso leitor a poder de sua vez propor pistas que achará interessantes para redescobriremos a alegria e anunciá-la a nossa sociedade.

⁹ Leonardo Boff. Op. Cit. P.63.

1. A COMPREENSÃO DA ALEGRIA NO TEMPO.

“Há que distinguir felicidade, alegria e prazer”¹⁰.

Estudar um conceito, qualquer que seja, requer não só a capacidade de defini-lo, mas ainda de poder diferenciá-lo de outros que aparentemente possam ter o mesmo sentido. A nossa linguagem, quando fala da alegria, costuma ser confundida com conceitos como prazer e felicidade. Frei Betto ressalta a esse respeito que “há que se distinguir felicidade, alegria e prazer”. O prazer “*é agradar os cinco sentidos*”¹¹: degustar, sentir, contemplar, ouvir e tocar. Ele é momentâneo, pois se limita na “*busca de novas sensações no intuito de se sentir feliz*”¹². Enquanto isso, a alegria é um transbordar de felicidade. Ela está geralmente ligada a um fato ou uma ação positiva. Ela, como o prazer, é momentânea e está ligada ao êxtase, é uma manifestação visível da felicidade. A felicidade já é um “*estado de satisfação de todas as nossas inclinações*”¹³. Felicidade é um estado intrínseco, em geral associado ao bem-estar. Ela é constante, ligada à confiança, à serenidade, à sensação de dever cumprido e traz um sentimento de paz interior. A felicidade “*reside em algo a ser possuído*”¹⁴, e isso faz com que ela se diferencie da alegria, que é o sentimento que se tem quando se alcança algo, é o imediato, o “já”. Apesar dessa diferença, ao longo do trabalho, os dois conceitos serão assimilados e tratados como um só.

1.1. O Conceito etimológico.

No dicionário da *Evangelii Gaudium* (EG) de Paulo Suess, publicado pela editora Paulus, o conceito “Alegria” é a primeira palavra das “cinquenta palavras-chave” ali definidas. Isso mostra que esta palavra ocupa um lugar privilegiado não só no referido dicionário, mas também na Exortação Apostólica do Papa Francisco. Não obstante a relevância de se entender o significado de “alegria” na Exortação, convém descobrir qual é a sua origem etimológica¹⁵.

¹⁰ BETTO, F. Op. Cit. 2016. p.15.

¹¹ Id.

¹² Id.

¹³ Ibid. p.14.

¹⁴ Ibid. p.19.

¹⁵ Como pensa Heidegger, voltar à etimologia nos ajuda a reconstruir e compreender melhor os conceitos. Descobrir então a origem etimológica do conceito de alegria é para delimitar o espaço no qual o consideraremos e o sentido que usaremos para melhor estudá-lo.

1.1.1. O dicionário de língua portuguesa.

A palavra alegria tem sua origem da palavra latina *'alacritas'* ou *'alacer'*, que significa animado, vivaz, contente ou ânimo leve.

Na realidade, supostamente existem duas prováveis origens etimológicas para este termo, sendo que ambas são consideradas sinônimos atualmente.

A alegria teria uma das suas prováveis raízes na palavra latina *'felicitas'* com provável origem no termo *'felix'*, que significa *feliz*, que por sua vez surgiu do grego *phyo*, que quer dizer *produzir*. Esse mesmo conceito – *Felix* - pode também significar *fértil*; por isso dirá Mario Sergio Cortella: *"felicidade tem a ver com fertilidade. Você sente felicidade quando sente fertilidade"*¹⁶. *Felicitas* seria, então, a raiz etimológica da palavra felicidade, que é considerado um sinônimo de 'alegria' na Língua Portuguesa.

Do outro lado, a palavra grega, *'phyo'* também tinha a conotação de *fecundo*¹⁷, o que acabou por ser relacionado com o comportamento típico de um indivíduo quando está alegre. Assim, pode-se deduzir que a alegria é fonte de fecunda produção. Quem está alegre, produz. A produção e/ou a fecundidade se tornam, então, um sinal externo e visível da alegria, que é um estado interno do ser humano.

Outro provável sentido da palavra *alegria* pode advir do termo *'chará'* que significa *deleite*, mas também *felicidade*. Esta outra palavra se deriva de *'chairó'*, que quer dizer *regozijo*.

De qualquer forma, quer *regozijo* signifique *contentamento*, *prazer* ou *grande alegria*, quer *deleite* traduza *prazer íntimo e suave*, *delícia*; as duas palavras nos revelam que, em grego, a *alegria* é um sentimento interno de prazer. Ser alegre, então, é agradar, sentir uma felicidade interna muito grande, que se expande e se manifesta fora naquilo que produzimos. A alegria se torna, assim, um sentimento constante e não só ocasional. Mas, afinal, qual é o sentido dado na EG?

1.1.2. O dicionário de Teologia bíblica de Bauer.

Antes de entender o conceito *alegria* na EG, é oportuno entendê-lo, em primeiro lugar, no quadro da teologia em geral e da teologia bíblica em particular. Por isso, deve-se entender qual é o sentido dado a esse conceito pela teologia bíblica.

¹⁶ BETTO, Frei. Op. Ci p.83.

¹⁷ Pode significar também algo que é produtivo.

No dicionário de Teologia bíblica, a *alegria* corresponde à expressão *felicidade*, entendida como afeto fundamental. O mesmo dicionário diz que: “na *Sagrada Escritura a alegria transcende cada vez mais o seu sentido terreno para tornar-se sinal da salvação que se aproxima; que já começou; mas que está por vir ainda*”¹⁸. A alegria, nesse sentido, poderia se assimilar à compreensão que se tem do reino de Deus que há de vir, mas que ao mesmo tempo já está presente no meio de nós. Isso faz entender que, para interpretar ou definir a alegria no quadro da Sagrada Escritura, deve-se basear o entendimento na história da salvação. Isso conduz a estudar, respectivamente, a alegria no Antigo e no Novo Testamentos:

O Antigo Testamento “*não só possui notável quantidade de expressões para designar a alegria, mas através de numerosos símbolos (face brilhante, luz, vestes, relação conjugal, vinho, óleo, água do céu) evoca o sentimento por ela suscitado*”¹⁹. Essa citação faz entender que, no Antigo Testamento, a alegria se identifica através dos efeitos que ela produz e da maneira como ela é vivida. Assim, no Antigo Testamento, a alegria se encontra nos bens terrenos²⁰. Mas essa alegria terrena se torna plena quando ela tem um caráter religioso²¹, pois só Deus é autor da verdadeira Alegria²².

O Novo Testamento não vai dar um novo sentido à alegria, mas vai esclarecer melhor o sentido já presente no Antigo Testamento. Com efeito, Cristo não veio para abolir, mas para cumprir a lei²³. Isso faz que a alegria adquira o caráter religioso quando “*está inteiramente ligada à pessoa de Jesus e à salvação n’Ele oferecida*”²⁴. Encontramos, então, no Novo Testamento, diversas expressões de alegria e todas elas têm uma relação com o Cristo Jesus e sua missão salvífica. A missão de Jesus se realiza através de conceitos e imagens que traduzem a alegria e, de repente, cria também muitos motivos para a alegria no povo. Essa Alegria de Cristo se manifesta de modo particular nos cuidados que Ele tem para com os outros. Ela é fruto do amor, da fé, da esperança e vive em estreita relação com a paz.

¹⁸ BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia bíblica*. São Paulo: Loyola. 4° edição. 1988. p.23.

¹⁹ *Ibid.* p.23-24.

²⁰ Gên 25,8; Sl 113,9

²¹ Dt 28, 22-47.

²² Jer 7,34.

²³ Mt 5,17.

²⁴ *Dicionário de teologia bíblica*, p.25.

Ela é eterna e contínua. E ensina que devemos nos alegrar não só nos momentos felizes, mas também nas provações²⁵, nas angústias²⁶, na fraqueza²⁷.

A alegria, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é um dos sinais da presença de Deus no meio do povo. Deus é o concesso da alegria, mais ainda ela está em relação particular com Ele. A alegria, no sentido bíblico, deve ser vivida em todos os momentos da existência humana, pois ela é a prova da presença de Deus.

1.1.3. O dicionário da *Evangelii Gaudium*.

A proposta de Paulo Suess, ao escrever o dicionário da EG, é de nos ajudar a entender melhor os conceitos usados pelo Papa na Exortação Apostólica EG. Assim, para que se faça um bom estudo do conceito alegria e descobrir aonde o Papa quer nos levar, vamos entender o que ela significa na EG.

Segundo Paulo Suess, a alegria, “inerente a nossa fé, que precisamos redescobrir”, “*não brota somente da antecipação escatológica da nossa vocação definitiva, mas também do nosso trabalho no dia a dia, dos nossos encontros, do nosso despojamento e da nossa conversão*”²⁸. A alegria, segundo está afirmação, é um estado constante e perene e não ocasional, um sentimento presente e não só futuro. Ela é aquela esperança que nasce da Fé que temos e faz acreditar que no deserto do *não existir*, constando nosso esforço pessoal, pode brotar algo que trará vida como disse Francisco: “*No deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida*”²⁹. Ser alegre é acreditar que nada acabou, mas que sempre se tem possibilidade de mudar, de crescer, de ir para frente. Ser alegre também - e, sobretudo - é aliar força para dar sentido àquilo que se acredita e espera. Por isso, é importante que “*não deixemos que nos roubem a esperança*”³⁰.

A alegria deve ser anunciada, ela é uma ‘Boa Nova’, algo de bom recebido ou produzido. E quando nós recebemos ou conseguimos produzir algo de bom, a primeira intenção é anunciá-lo. Continuando o seu pensamento, Paulo Suess dirá que a alegria “*está antes de tudo ligada ao fato de todos serem amados por Deus. Em todos os lugares, todos podem viver, falar e agir a partir desse amor*”³¹, é a primeira alegria que temos

²⁵ Tg 1,2.

²⁶ 2Cor 7,4

²⁷ 2Cor 13,9

²⁸ SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus. 2015. p.16.

²⁹ EG 86.

³⁰ EG 86.

³¹ SUESS, Paulo. Op. Cit. p.17

conhecimento e que recebemos na vida. Esta alegria é o fato de se sentir amado. E quando nós nos sentimos amados, podemos amar aos outros, comunicar-lhes este amor e produzirmos frutos. Ser alegre é, então, ser capaz de viver, em todos os instantes, o amor de Deus consigo mesmo e com os outros; anunciar esse amor. A alegria, segundo ainda Paulo Suess, é, enfim seguir a Cristo e ter sempre o olhar fixo n'Ele e na salvação que Ele oferece. Essa alegria é *“vivida então nas pequenas coisas da vida cotidiana, e é vivida por “pessoas muito pobres que têm pouco a se agarrar”*³². [...] *a alegria (é) de poder encontrar Deus, vê-lo face a face, é vocação definitiva*³³. Assim, nossa vocação definitiva é ser alegre, viver esta alegria e transmiti-la.

A palavra “alegria” aparece 59 vezes nesta Exortação. Esta alegria para a qual o Papa nos convoca e desafia e que Paulo Suess quer nos ajudar a entender: é a alegria de evangelizar. Isto é, experimentar a alegria de viver com Cristo e de comunicá-Lo, contagiando os outros com ela, suscitando no coração dos outros o desejo de também eles poderem participar desta alegria. Nosso trabalho nessa parte não é interpretar já esta exortação, mas só tentar definir e explicá-la. Por esta razão, vamos nos abster de toda tentativa de entrar em explicação mais profunda e faremos essa tarefa mais adiante no decorrer do nosso trabalho. Isso dito, vamos continuando nossa caminhada de tentar entender o conceito ‘Alegria’, estudá-lo no tempo e principalmente na história da filosofia.

1.2. Definição da alegria nas diferentes épocas da história da filosofia:

*“A felicidade não é um lugar aonde se chega depois de um tempo. [...], ela é uma possibilidade para a qual se pode abrir a porta com uma maior facilitação ou se fechá-la”*³⁴.

O que é alegria/felicidade³⁵? Provavelmente, cada pessoa que resolver responder a esta pergunta apresentará uma resposta própria, pois a alegria, num certo sentido, é algo individual, pessoal e intransferível. Por outro lado, há uma ideia de alegria que pertence ao senso comum e é compartilhada pela maioria das pessoas: alegre é ter saúde, amor, dinheiro

³² EG 7.

³³ SUESS, Paulo. Op. Cit. p.16

³⁴ CORTELLA, Mario Sergio. In *Felicidade foi-se embora?* (BETTO, Frei; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario S.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. P.82-83.

³⁵ Toda vez que evocarmos o conceito de felicidade nós estaremos nos referindo também ao conceito de Alegria, pois na filosofia não tem um tratado diferenciado entre os dois conceitos. Outra coisa; como vimos mais acima na definição etimológica, alegria se refere também à felicidade ou seja alegria deve a sua etimologia a palavra latina Felix que é felicidade em português.

suficiente etc. Além disso, a ideia de felicidade não é uma coisa recente. Com certeza, ela acompanha o ser humano há muito tempo e faz parte de sua história.

Sendo assim, é possível traçar a evolução histórica dessa ideia, ao se debruçar sobre a disciplina que sempre se dedicou a investigar nossas ideias, de modo a defini-las e esclarecê-las: a filosofia. Na verdade, a ideia de felicidade tem grande importância para a origem da filosofia. Ela faz parte das primeiras reflexões filosóficas sobre ética, que foram elaboradas na Grécia antiga. Basta, então, acompanhar a evolução histórica dessa ideia fazendo uma viagem pela história da filosofia.

1.2.1. Antiguidade: entrada do conceito da alegria no mundo filosófico.

A referência filosófica mais antiga de que se dispõe sobre o tema é um fragmento de Tales de Mileto³⁶, que viveu entre as últimas décadas do século VII a.e.c e a primeira metade do século VI a.e.c Segundo ele, é feliz quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada. Vale atentar para a expressão ‘boa sorte’, pois disso dependia a felicidade na visão dos gregos mais antigos.

Em grego, felicidade se diz “eudaimonia”, palavra que é composta do prefixo “eu”, que significa ‘bom’ e de “daimoniôn” ‘demônio’ que, para os gregos, é uma espécie de semidivindade ou é o “*espírito interior, que aconselha e protege*”³⁷ e acompanha os seres humanos. Ser feliz era dispor de um ‘bom demônio’, o que estava relacionado à sorte de cada um. Quem tivesse um ‘mau demônio’ era fatalmente infeliz.

Foi a filosofia que estabeleceu orientações para que o homem procurasse a felicidade. Demócrito de Abdera julgava que a felicidade era a medida do prazer e a proporção da vida. Para atingi-la, o homem precisa deixar de lado as ilusões e os desejos e alcançar a serenidade. A filosofia é o instrumento que possibilitava esse processo.

“*A primeira reflexão mais intensa na filosofia ocidental sobre a felicidade é feita por Sócrates, quando ele começa a falar sobre as virtudes*”³⁸. Ele é quem deu novo rumo à compreensão da ideia de felicidade, postulando que ela não se relaciona apenas à satisfação dos desejos e das necessidades do corpo, pois para ele, o homem não é só o corpo, mas, principalmente a alma. Assim, a felicidade é o bem da alma que só pode ser atingido por meio de uma conduta virtuosa e justa. Para Sócrates, sofrer uma injustiça é melhor do que

³⁶ <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI>. <http://educaçao.uol.com.br/biografias>.

³⁷ CORTELLA, Mario S. Op. Cit. p.127.

³⁸ Id.

praticá-la e, por isso, certo de estar sendo justo, não se intimidou nem diante da condenação à morte por um tribunal ateniense. Cercado pelos discípulos, bebeu a taça de veneno que lhe foi imposta e parecia feliz a todos os que o assistiram em seus últimos momentos.

Entre os discípulos de Sócrates, Antístenes acrescentou um toque pessoal à ideia de felicidade de seu mestre, considerando que o homem feliz é o homem autossuficiente. A ideia de autossuficiência³⁹ continuará diretamente vinculada à de felicidade nos setecentos anos seguintes.

Mas o maior discípulo⁴⁰ de Sócrates – Platão – foi quem efetivamente levou a especulação filosófica adiante de onde a deixara seu mestre. Ele considerava que todas as coisas têm sua função, assim como a função do olho é ver e a do ouvido, ouvir; a função da alma é ser virtuosa e justa, de modo que, exercendo a virtude e a justiça, ela obtém a felicidade. Para Platão, a ética não está limitada aos negócios privados, devendo ser posta em prática também nos negócios públicos. Desse modo, ele entende que a função do Estado é tornar os homens bons e felizes. Por isso, ele liga a felicidade de vários modos e afirma que alcançar a alegria “*seria possível com a contemplação da verdade presente nas ideias perfeitas*”⁴¹.

A ligação entre ética e política estaria ainda mais definida na obra do mais importante discípulo de Platão: Aristóteles, que dedicou todo um livro à questão da felicidade: a *Ética a Nicômaco*⁴². Amigo de Platão, mas, em suas próprias palavras, mais amigo da verdade, Aristóteles criticou o idealismo do mestre, reconhecendo a necessidade de elementos básicos, como a boa saúde, a liberdade (em vez da escravidão) e uma boa situação socioeconômica para alguém viver alegre.

Por outro lado, a partir de uma série de raciocínios que têm como base o fato de o homem ser um animal racional, Aristóteles conclui que a maior virtude de nossa ‘alma racional’ é o exercício do pensamento. Pelo que, segundo ele, a felicidade chega a se identificar com a atividade pensante do filósofo, a qual, inclusive, aproxima o ser humano da divindade. Ele é quem vai trazer de modo especial a ideia de felicidade na filosofia.

³⁹ Em grego se diz ‘autarquia’ e é uma expressão que significa comandar a si mesmo. Autarquia é um termo utilizado em economia, em filosofia e na administração pública. Autarquia também significa poder absoluto. Ele traduz assim o tipo de governo em que uma pessoa ou um grupo de pessoas concentram o poder sobre uma nação. Se chega à autarquia quando se tem total autonomia sobre si própria: é o estado de autossuficiente.

⁴⁰ Estamos nos referindo a Platão.

⁴¹ CORTELLA, Mario S. Op. Cit. p.128.

⁴² Nicômaco é o nome do seu filho, para quem o livro foi escrito e dedicado.

Sem perder de vista a aplicação prática de suas ideias, Aristóteles considera a política como uma extensão da ética e, nesse sentido, para ele também é uma função do Estado criar condição para o cidadão viver alegre. Assim, “*a finalidade da política é a felicidade*”⁴³. Seguindo o seu pensamento, Mario Sergio Cortella dirá que “*a felicidade é entendida como bem-estar coletivo. Isto é, vida em abundância para todos e todas*”⁴⁴.

Depois de Alexandria, no mundo grego ou helênico, desenvolveram-se três escolas filosóficas que vão se estender até o fim do Império Romano, as chamadas filosofias helenísticas. Todas elas, por caminhos diferentes, conduzem à conclusão de que, para ser feliz, o homem deve ser não só autossuficiente, mas desenvolver uma atitude de indiferença, de impassibilidade, em relação a tudo ao seu redor. A felicidade, para eles, era a ‘apatia’⁴⁵, palavra que, naquela época, não tinha o sentido patológico que tem hoje. Entre os filósofos do mundo helênico, pode-se citar Epicuro. Para ele a ‘apatia’ não significa abdicar ao prazer. O prazer era essencial à felicidade para Epicuro, cuja filosofia também é conhecida pelo nome de hedonismo⁴⁶. Mas ele deixa claro, numa carta a um discípulo, que não se refere ao prazer dos dissolutos e dos crápulas e sim ao da impassibilidade que liberta de desejos e necessidades.

1.2.2. A alegria na Idade Média.

Com o fim do mundo helênico e o advento da Idade Média, a alegria não foi de grande importância no horizonte da filosofia. Estando relacionada à vida do homem neste mundo, ela não era de grande importância para os filósofos cristãos. Mas esses deixaram para nós ideias do que para eles era considerado ser felicidade ou como eles a definiam. Agostinho de Hipona, segundo Leonardo Boff, vê a felicidade como “*a experiência do cor inquietum*”⁴⁷ onde afirma que: “*a felicidade plena, sem resto, encontra-se na identificação deste Infinito e descansar nele. Por isso, o ser humano é projeto infinito que somente no Infinito encontra a sua paz e felicidade*”⁴⁸. Por isso, ele escreve que

⁴³ CORTELLA, Mario S. Op. Cit. p.128.

⁴⁴ Id.

⁴⁵ Provém do grego clássico *apatheia*. Páthos em grego, significa ‘tudo aquilo que afeta o corpo ou a alma’ e tanto quer dizer dor, sofrimento, doença, como o estado da alma diante de circunstâncias exteriores capazes de produzir emoções agradáveis ou desagradáveis. A ‘apatia’ será entEstado emocional de indiferença.

⁴⁶ Em grego ‘hedoné’ que quer dizer prazer.

⁴⁷ Coração inquieto nas *Confissões* de Santo Agostinho citado pelo Leonardo Boff in *Felicidade foi-se embora?* P.72.

⁴⁸ Ibid. p.73.

“queremos todos ser felizes”⁴⁹; certamente para mostrar que tem unanimidade quanto ao desejo humano de felicidade. Mas como alcançá-la, como realmente ser feliz? “se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”⁵⁰ podemos afirmar.

Tómas de Aquino baseou-se em Aristóteles para falar da felicidade. Ele ressaltou “que toda pessoa, em tudo o que faz, busca a própria felicidade. Mesmo ao praticar o mal. Ninguém age contra o próprio bem. Tanto busca a felicidade aquele que promove a guerra quanto quem se recusa a combater. Possuímos, portanto, a libido felicitatis ou a pulsão de ser felizes”⁵¹. Para ele, as fontes⁵² da felicidade são a Verdade suprema e o Bem último. Mas a dura tarefa será discernir, como pensou Libanio, “nas pequenas realidades da vida quais encarnam algo desta verdade e deste Bem para conduzir-nos pela via reta da felicidade”⁵³. É bom notar que para a filosofia cristã - mais do que alegria e/ou felicidade - o maior valor é a preocupação com a salvação da alma.

1.2.3. A Alegria na Modernidade.

Os filósofos voltaram a se debruçar sobre o tema na Modernidade. John Locke e Leibniz, na virada dos séculos XVII e XVIII e.c, identificaram a felicidade com o prazer, um prazer duradouro. Para Leibniz, por exemplo, a alegria podia ser definida como “o prazer que a alma sente quando considera garantida a posse de um bem presente ou futuro”⁵⁴. Esse prazer não é só algo de efêmero, mas é algo a mais: é uma felicidade, pois garantida não só presentemente, mas ainda no futuro. Décadas depois, o filósofo iluminista Emmanuel Kant, na obra *Crítica da razão prática* definiu a felicidade como “a condição do ser racional no mundo, para quem, ao longo da vida, tudo acontece de acordo com o seu desejo e vontade”⁵⁵. É alegre, para Kant, aquele que consegue orientar e ordenar as suas inclinações. Por isso, ele definirá a felicidade como “um estado de satisfação de todas as nossas

⁴⁹ Agostinho, *Confissões*, 9 ed. Petrópolis, Vozes, 1988, p.32.

⁵⁰ Agostinho citado por LIBANIO, João Batista. *A Ética do cotidiano*, obra póstuma. São Paulo: Paulinas. 2015. p.59.

⁵¹ BETTO, Frei. Op. Cit. p.14

⁵² Aqui Tómas de Aquino cita a obra *as Confissões* de Santo Agostinho e diz: “Só Deus é bem-aventurança, porque só é bem-aventurado alguém que conheça Deus, conforme as palavras de Santo Agostinho: ‘Bem-aventurado aquele que te conhece, ainda que ignora tudo o mais’” (S. Th. I, q. 26^a. 3c).

⁵³ LIBANIO, João Batista. Op. Cit. p. 61.

⁵⁴ BETTO, Frei. Op. Cit. p.15.

⁵⁵ KANT, Emmanuel. *Crítica da razão prática*. Dialética. seção 5. São Paulo: Paulus. 2005.

inclinações”⁵⁶, mas não uma satisfação desordenada, ainda uma satisfação de acordo com a razão que deve governar as nossas ações.

No entanto, para Kant, como a felicidade se coloca no âmbito do prazer e do desejo, ela nada tem a ver com a Ética e, portanto, não é um tema que interesse à investigação filosófica. Sua argumentação foi tão convincente que, a partir dele, a felicidade desapareceu da obra das escolas filosóficas que o sucederam.

Mesmo assim, não podemos deixar de mencionar que, no mundo de língua inglesa, na mesma época de Kant, a ideia de felicidade ganhou lugar de destaque no pensamento político e buscá-la passou a ser considerado um direito do homem. Assim, vemos consignado na Constituição dos Estados Unidos da América⁵⁷, que data de 1776 e foi redigida sob a influência do Iluminismo que, a todos, se reconhece o direito de procurar a felicidade, a alegria.

1.2.4. A alegria na contemporaneidade.

No âmbito da filosofia anglo-saxônica, no século XX e.c, encontra-se uma nova reflexão sobre tal assunto. O filósofo inglês Bertrand Russell dedicou a ela a obra *A conquista da felicidade*, usando o método da investigação lógica para concluir que é necessário alimentar uma multiplicidade de interesses e de relações com as coisas e com os outros homens para ser feliz. Em síntese, a felicidade é a eliminação do egocentrismo.

Mais recentemente, em 1989, o filósofo espanhol Julián Marías também dedicou ao tema um livro notável, *A felicidade humana*, em que estuda a história dessa ideia, da Antiguidade aos nossos dias, ressaltando que a ausência da reflexão filosófica sobre a felicidade no mundo contemporâneo talvez seja um sintoma de como esse mesmo mundo anda muito infeliz.

Ao decorrer desse estudo, é possível constatar e concordar com Julián Marías que a questão da alegria⁵⁸ não foi muito assunto de pesquisa dos grandes pensadores da filosofia e que, ainda menos, ela teve uma relação com o outro. Para esses pensadores, ser feliz ou alegre é ser autosuficiente, livre, ter poder e possuir. Assim, é possível ver que, na história,

⁵⁶ BETTO, Frei. Op. Cit. p.14.

⁵⁷ “*Todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, e entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade*”. Declaração de Independência dos Estados Unidos, formulada por Thomas Jefferson em 1776.

⁵⁸ Relembramos que quando nós falamos de alegria, fazemos alusão também ao conceito de felicidade que em grego traduz a mesma coisa.

a alegria foi muitas vezes ligada à possibilidade de eliminar os sofrimentos da sua vida, possuindo tudo aquilo que se precisa, sendo autosuficiente, longe de todas as necessidades. E hoje, esse mesmo conceito não é assunto de estudo, discussão e pesquisa. Mas, isso não deve impedir de nos perguntarmos como se entende a alegria nos dias de hoje? O que significa ser alegre para o mundo no qual nós vivemos?

1.3. Entendendo a Alegria hoje.

1.3.1. Pesquisa sociológica⁵⁹.

Para podermos fornecer informações claras e precisas, quisemos realizar uma pesquisa sociológica sobre a questão da Alegria e seu sentido no dia de hoje. Para isso, montamos um questionário para poder, a partir das respostas obtidas, fazer uma interpretação e podermos tirar algumas conclusões que não serão frutos do nosso pensamento ou julgamento, mas da realidade vivida no cotidiano pelas pessoas que frequentam e que encontramos nas ruas de nossa cidade.

Não sendo especialistas em sociologia, tentamos ser o mais explícito possível nas nossas perguntas e não fizemos muitas perguntas para não correr o risco de estar nos repetindo. Nosso questionário tinha então três partes: primeiro as informações sobre a identificação dos entrevistados⁶⁰; em segundo lugar, algumas perguntas de âmbito geral ou social; e na terceira parte, perguntas a cerca da alegria ou perguntas específicas da pesquisa.

1.3.2. Apresentação, análise e interpretação dos resultados da pesquisa.

Gostaríamos de apresentar de maneira bem breve os resultados obtidos na nossa pesquisa. Mas, antes de apresentar os ditos resultados, queremos lembrar que a nossa pesquisa foi realizada num dos maiores municípios do estado de São Paulo: município de São Bernardo do Campo no Grande ABC Paulista. Tentamos alcançar várias classes sem distinção de gênero, religião, classe social. Por isso, nós nos dirigimos em lugares diferentes para aplicar nossa pesquisa. Entre outros lugares, fomos numa favela; uma das mais antigas favelas de São Bernardo do Campo, fomos no centro da cidade, nos dirigimos num bairro de classe social meia e alta e fomos também numa região rural⁶¹ de São Bernardo do Campo. Tivemos também a alegria de poder aplicar a nossa entrevista numa das maiores

⁵⁹ As perguntas da nossa pesquisa estão disponíveis no anexo, p.76.

⁶⁰ Informações bem simples, respeitando toda privacidade e anonimato.

⁶¹ Riacho Grande, região pós-balsa, onde vivem pessoas muito carentes financeiramente, passando necessidades.

paróquia da diocese de Santo André, a Paróquia Santíssima Virgem que é freqüenada por mais ou menos dez mil pessoas nos finais de semana de todas as classes sociais e idades. No total, conseguimos atingir sessenta e duas pessoas de idade, sexo, classes sociais e religiões diferentes. O número pode parecer bem pouco, mas para nós é um número bem significativo. Entre os entrevistados, indo por rubricas do nosso questionário, tivemos: Entrevistados: 62 pessoas.

I - Identificação

Sexo: Masculino: **16 = 25.80%**

Feminino: **46 = 74.20%**

Idade: de 15 a 20 anos: **5 = 8%**

de 21 a 25 anos: **12 = 19.35%**

de 26 a 30 anos: **20=32.25%**

de 31 a 40 anos: **2=3.23%**

de 40 a 50 anos: **18=29%**

+ de 50 anos: **5=8%**

Nacionalidade: Brasileiro: **60=96.77%**

Outras: **2=3.23%**. Quais? Um americano dos EUA e um argentino

Religião: Católicos: **42=67.74%**

Evangélicos⁶²: **15=24.19%**

Muçulmanos: **1=1,61%**

Sem religião: **4=6.45%**

Profissão: diversas: padres, estudantes, comerciantes, pastores, administradores, desempregados, profissionais da saúde, professores, profissionais de limpeza, moradores de rua, motoristas, consagrados, jornalistas. Não calculamos todas as percentagens, procedemos apenas à enumeração dessas profissões.

II - Perguntas de âmbito geral.

- 1) Você gosta muito de assistir TV? A maioria gosta de assisti-la, mas nem todos encontram tempo para ficar na frente dela, devido à correria de todos os dias. Precisam trabalhar, porque a vida hoje tem um custo elevado. Também, encontram alegria trabalhando, pois, assim, conseguem pagar as contas. Assim, não dá tempo de assistir TV. Outros não assistem, pois, não possuem uma.

⁶² Entendemos como evangélicas todas as pessoas pertencentes às religiões chamadas no dia-dia de 'crentes' a saber: Protestantes, Metodista, Pentecostal, Universal, e as outras.

- 2) Qual é seu programa preferido? A maioria, sobretudo mulheres, gostam de assistir novela e, depois da novela, o jornal da *Globo*. Os homens gostam mais de futebol, e depois, novela. O jornal não é uma grande atração, porque traz notícias que nunca mudam. As pessoas estão cansadas de ouvir a mesma informação todos os dias e preferem procurar algo que vai distraí-los, ao invés de ficar estressados com as mesmas notícias.
- 3) Usa muito a informática? Todos os entrevistados já fizeram uso da informática. O mais incrível que se pôde observar é que todos têm um aparelho telefônico. Todos gostam de informática. E aqueles que ainda hoje têm possibilidade de fazer uso da informática preferem se informar a partir da internet.
- 4) Qual valor você dá às publicidades? Todos gostam das publicidades para saber o que há de novo na moda, porque gostam de estar engajados no setor. A publicidade mostra-lhes onde eles podem fazer, por exemplo, compras, adquirir objetos de valor e, em consequência, trazer-lhes felicidade. Apreciam todas as publicidades e as aconselham às pessoas.
- 5) Você lê a Bíblia? Todos já leram a Bíblia. Esse fato foi algo relevante, positivo e impressionante da pesquisa. Mesmo os muçulmanos já tinham tido contato com a Bíblia, pois, já foram católicos. Para eles⁶³, a Bíblia é uma boa regra de conduta e de vida. Seguindo-a, consegue-se estabelecer relações boas com os outros.
- 6) O que Ela representa para você? Essa pergunta foi a mais difícil de responder. A não ser os católicos e os evangélicos, os outros não quiseram respondê-la. Mas não foi um problema, uma vez que não era obrigatório responder a todas as perguntas. Assim, para aqueles que responderam, foi dito que: “a Bíblia é a palavra de Deus e somos chamados a seguir essa palavra. A Bíblia nos ajuda a viver uma vida que agrada a Deus. A vida de integridade não acontece naturalmente e por isso precisamos de ajuda para termos integridade, praticarmos o que é justo. Ela nos leva a fazer aquilo que por nós mesmos não conseguimos”.

Abaixo se encontram as respostas da terceira e última seção que se apresenta ser a mais relevante pelo assunto que escolhemos tratar nesse trabalho.

III - Perguntas sobre a “Alegria”

- 1) Para você, o que significa ser “Alegre” ou ser “Feliz”? Nessa pergunta, as respostas foram quase todas unânimes. Ser feliz ou alegre é possuir ou alcançar tudo que nós

⁶³ A maioria

necessitamos na vida. Ser feliz, para a maioria dos entrevistados, sobretudo para os mais jovens que entrevistamos, significa possuir, ter. Para eles, a alegria é algo pessoal, algo que se conquista. Então, somos felizes quando conseguimos realizar os nossos sonhos. E essa resposta influenciou grandemente as outras.

- 2) Pode-se associar alegria e a existência do outro? As respostas foram diversas aqui, mas selecionamos três que foram majoritárias. A primeira é que “não tem como associar nossa felicidade com o outro. Porque caso ele fracassar conosco, ele se torna o culpado e, ainda mais, não temos nenhuma garantia que, associando o outro na nossa busca de felicidade, ele queira alcançar, conosco, o mesmo ideal”. A segunda resposta traz que a alegria “é algo interior e muito pessoal. O outro pode participar, mas só na medida em que ele nos ajuda a alcançar aquilo que nós procuramos”. Assim para eles, o outro se torna só meio para alcançarmos nossa felicidade. Para aqueles que deram essa resposta, o outro participa da nossa felicidade só quando dependemos dele. Por exemplo, nossos pais, ajudando-nos no caminhar da vida, conduzindo-nos na conquista da nossa felicidade, mas, a partir do momento em que somos capazes de caminhar sós, eles não devem mais influenciar nossas escolhas senão, não somos livres e nunca seremos felizes de maneira autêntica e verdadeira. A terceira e última resposta é a mais diferenciada das outras. Para esse terceiro grupo, “o outro faz parte da busca de nossa felicidade, porque dependemos totalmente do outro; não tem nessa vida nada que podemos fazer ou construir sem solicitar a ajuda ou auxílio do outro”. Mesmo sem perceber, precisamos sempre do outro. Para nascer, precisamos dos nossos pais, para crescer, precisamos de alguém e assim vai. Então o outro é indispensável na busca e na conquista do nosso ideal. Infelizmente, só 29% das pessoas que entrevistamos pensaram dessa forma - dezoito pessoas, entre elas, padres, religiosos, pastores, e alguns leigos. Aqueles que deram tal resposta (ou parecida) são pessoas que têm uma vivência religiosa bem forte e enraizada. Mas por que os outros não pensaram da mesma maneira? Isso poderá ser respondido adiante.
- 3) Na busca da “felicidade” o próximo pode ser levado em conta? Considerado? As respostas a essa pergunta foram muito parecidas às da pergunta precedente. Isso dito, basta aqui sublinhar que, para a maioria das pessoas, “a busca da alegria é uma luta na qual devem se engajar só aqueles que são diretamente implicados”. Nem todos podem, devem ou conseguem se engajar no nosso ideal, pois as pessoas não têm os mesmos interesses. A essas duas perguntas, foram fornecidas respostas que mostram um mundo

mais em mais egoísta, em que as pessoas não desejam, nem querem partilhar aquilo que têm. A ideia que persiste é a de que é “melhor tentar ir sozinho, porque você não sabe o que o outro pode fazer”. Percebe-se aqui que a confiança não é muito presente. Mas, esse modo de pensar não deve causar muito estranhamento. Pelo contrario, ele é bem familiar: basta ouvir o rádio, assistir por um momento a publicidade ou os programas que são apresentados na TV, ou ainda, parar por um momento para ler os banners publicitários que encontramos na rua. Em todos esses canais de comunicação, é possível ver que a ideia que é difundida é que a verdadeira alegria está no ter, possuir, colocar-se no abrigo das necessidades do dia a dia. Hoje, a ideia que é inculcada às novas gerações é aquela de que quem é feliz é uma pessoa que não tem nenhum problema, está abrigada, protegida e isenta de qualquer privação ou necessidade e também não depende de ninguém. Além do mais, a “alegria” é algo pessoal, não se pode depender ou incluir estranhos na busca por ela. Tudo está ao nosso alcance e depende só de nós. Cabe aqui não se precipitar, entretanto, nas conclusões.

- 4) “Alegria” e palavras como “dor”, “sofrimento” “fraqueza” combinam? As respostas mais fortes a esta pergunta foram: *“não tem como sofrer e falar que está feliz”, “não tem como estar doente, por exemplo, ou passar por necessidade e afirmar que está alegre ou feliz”*. Essa duas respostas mostram claramente que, para as pessoas, alegria é incompatível com sofrimento, com dor. Quem está numa situação de fraqueza, com certeza não está feliz, não está alegre. Mas, *“se o sofrimento, a dor ou a fraqueza são vividos ou mirados pela ótica cristã, eles podem andar com alegria. Ser alegre é saber ler aquilo que nos acontece na visão de Cristo”*. Esse outro pensamento foi apresentado pelos religiosos, padres ou pessoas consagradas entrevistadas. A porcentagem dessa resposta foi a menor. Isso conduz ao questionamento de que essas pessoas podem viver à margem da sociedade, pois tem uma visão diferente da maioria. Aqueles que pensam que sofrimento não anda com alegria, afirmam que: *“O coração alegre é bom remédio, mas o espírito abatido faz secar os ossos”*⁶⁴. Esse espírito abatido é aquele que está passando por sofrimento, dor e fraqueza. Deus nos criou para sermos felizes, amáveis, amados, alegres e não para sermos pessoas tristes, amarguradas, rancorosas e grosseiras.
- 5) Para você, o que representa uma pessoa feliz, alegre, hoje? Nesse ponto, as respostas não surpreenderam. Destaquem-se dois grandes pensamentos. De um lado, “quem é

⁶⁴ Pr 17,22.

alegre e feliz é aquele que possui; que tem. É aquele que não depende de ninguém e que goza da plena liberdade”. Do outro lado, “feliz é aquele que sabe encarar e ler aquilo que acontece na sua vida. É aquele que dá mais crédito ao ser do que ao ter”.

O objetivo aqui deve se limitar somente a apresentar os resultados obtidos na pesquisa e analisá-los. Justifica-se, então, que se faça uma análise da Sagrada Escritura, em particular do Evangelho de Lucas e de alguns Documentos do Magistério⁶⁵ para saber o que eles dizem a respeito da “alegria”.

⁶⁵ Particularmente as Exortações Apostólicas *Gaudete in Domino* e a *Evangelii Gaudium*.

2. A ALEGRIA: SAGRADA ESCRITURA E MAGISTÉRIO.

O desejo mais íntimo do ser humano é ser feliz, alegre. Deseja-se sempre a realização total, individual, nas pequenas ou grandes coisas. Movem-nos o desejo e o anseio de realização por meio de encontros na construção do futuro; para amar e ser amado, para buscar a verdade e para fazer o bem.

Deus Pai, “*infinitamente Perfeito e Bem-aventurado em si mesmo, em seu desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para fazê-lo participar de sua vida bem-aventurada*”⁶⁶. Essa participação proporciona ao homem a oportunidade de viver esse seu desígnio em que é plena a vontade de Deus. À luz da Sagrada Escritura, interpretada pelo Magistério da Igreja⁶⁷, encontra as fontes principais da sua vida em busca da felicidade.

Esse segundo capítulo é uma leitura do conceito da alegria na Sagrada Escritura, de maneira particular no Evangelho de Lucas e em dois documentos do Magistério da Igreja - as Exortações Apostólicas GD de Paulo VI e principalmente a EG de Francisco.

2.1. A Alegria em Lucas.

Como já vimos na primeira parte, a expressão *alegria*, na Sagrada Escritura, apresenta-se como *afeto fundamental* e corresponde ao conceito de *felicidade*. Este conceito está presente ao longo do Antigo e do Novo Testamento e é sinal de posse e impulso. Nos evangelhos, a alegria é vista como atitude daqueles que aderiram a Cristo. A eles, o Senhor promete a alegria como grande recompensa depois da perseguição⁶⁸ e como consequência depois do sofrimento⁶⁹. Essa alegria nunca lhes será tirada. Nesse ponto do trabalho, o foco é analisar os motivos da alegria no Evangelho de Lucas.

Lucas, como os outros evangelistas, é um bom artesão da Palavra de Deus. Monta o seu evangelho tendo, como pano de fundo, o evangelho de Marcos; ao qual ele acrescenta dados que fazem a particularidade do seu relato. Considerando que o conceito que estamos estudando está interligado com os outros presentes no texto lucano, essa análise foi realizada numa perspectiva de conjunto. Temas mais ligados ao enfoque da alegria foram, portanto, selecionados. Outros assuntos, ainda que importantes em razão da finalidade e da extensão

⁶⁶ ClgC. 1.

⁶⁷ O encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus foi confiado exclusivamente ao Magistério da Igreja, ao Papa e aos bispos em comunhão com ele. ClgC. 100.

⁶⁸ Mt. 5,12.

⁶⁹ Jo. 4,36.

a que se propõe o nosso trabalho, foram deixados de lado. Isso dito, a análise se dará a partir das relações de alegria com o evento Cristo, com a misericórdia e com o amor.

2.1.1. A Alegria do evento Cristo

Entre tantos caminhos importantes que perpassam o Evangelho de Lucas, sobressai-se aquele que diz respeito à abertura missionária para com todos os povos - ilustrado no contato de Jesus com todas as classes de pessoas (pobres, ricos, doentes, pecadores, idosos, crianças, mulheres, viúvas, estrangeiros) e com as expressões mais utilizadas para falar de Alegria (bondade, graça e misericórdia). Nenhum outro Evangelho dá tanto espaço e desenha tantos rostos felizes e tantas ocasiões de alegria como faz Lucas. No Novo Testamento, esse conceito pode ser encontrado cerca de 143 vezes e, só em Lucas, é possível encontrá-lo mais de 30 vezes. Isso mostra quão importante ele é para o evangelhista.

De início, com o relato do nascimento de João Baptista, Lucas já encontra uma ocasião para falar de alegria e regozijo⁷⁰. Esse nascimento é um evento que se apresenta como ocasião oportuna para os vizinhos e parentes se alegrarem com Isabel⁷¹. Esse evento está prefigurando o maior que há de vir: o evento Cristo.

O anúncio feito a Maria pelo anjo Gabriel é motivo de alegria⁷². E, mais tarde, quando Maria visita Isabel, esta afirmará que o menino⁷³ pulou de alegria no seu ventre⁷⁴. Nesses dois relatos, pode-se perceber claramente que o evento Cristo traz consigo a alegria para todos que o encontram. Essa alegria é vivida em primeiro lugar pela sua Mãe que, no *Magnificat*, canta o seu regozijo em Deus, seu Salvador⁷⁵. Aos pastores o anjo anuncia uma grande alegria, para eles e para todo o povo⁷⁶. Pelo menos até aqui os motivos de alegria já são numerosos e todos têm uma única fonte: o anúncio feito por Deus.

Aos bem-aventurados, Jesus declara: “*Alegrai-vos naquele dia, porque será grande no céu a vossa recompensa*”⁷⁷. Também, quando os setenta e dois, enviados dois a dois, vão regressar em casa com imensa alegria⁷⁸, eles ouvem a recomendação de Jesus para não se alegrarem, porque os espíritos se lhes submeteram mas porque seus nomes estão escritos no

⁷⁰ Lc 1,14.

⁷¹ Lc 1,58.

⁷² Lc 1,28: “*Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!*”.

⁷³ João Batista.

⁷⁴ Lc 1,44.

⁷⁵ Lc 1,47.

⁷⁶ Lc 2,10.

⁷⁷ Lc 6,23.

⁷⁸ Lc 10,17

céu; mas informa que nessa mesma hora Jesus se regozijou no Espírito Santo, e exclamou: “*Eu te bendigo, ó Pai...*”⁷⁹. Aqui vemos claramente que a alegria é de Cristo e Ele tem como desejo ardente espalhar e compartilhá-la com seus discípulos.

Um pouco mais adiante, o narrador, encontra mais uma ocasião de falar da alegria. Informa que toda a gente se alegrava com as maravilhas que Jesus realizava⁸⁰. Não querendo mais viver sozinho esta alegria, Ele a compartilha em ação com os povos que O rodeiam. A parábola chamada do “Pai misericordioso” é, toda ela, um hino à alegria. Temos, num primeiro relato, um pastor que, tendo encontrado a ovelha perdida põe-na nos ombros, alegrando-se, e convida os amigos e os vizinhos a se alegrarem com ele⁸¹. O narrador acrescenta logo que haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende...⁸². Do mesmo modo, a mulher que encontra a sua dracma perdida, chama as amigas e as vizinhas e as convida a se alegrarem com ela⁸³, dando a Jesus a oportunidade para dizer que há alegria para os anjos de Deus por um só pecador que se arrepende⁸⁴. Pouco depois, e na mesma linha de ideias, o encontro do filho perdido dá oportunidade ao pai de fazer festa⁸⁵, enquanto o filho que sempre esteve em casa critica o seu pai por nunca lhe ter dado oportunidade de fazer festa⁸⁶, insistindo o pai que agora, com o encontro do filho perdido era mesmo necessário fazer festa e alegrar-se⁸⁷. A alegria semeada na Terra é vivida no céu. Aqui se percebe o terceiro movimento da alegria: ela é vivida em Deus, depois anunciada ao mundo para ser vivida e, novamente volta a ser vivida no céu em Deus e com Deus.

A narração do encontro entre Jesus e Zaqueu, que desce depressa do sicómoro para receber Jesus, é mais uma ocasião para Lucas evidenciar Jesus trazendo a alegria⁸⁸ na vida dos homens.

Lucas, apresentando o episódio da ressurreição e da aparição de Jesus ressuscitado aos discípulos, diz que, por causa da alegria irreprimível de ver de novo o Mestre, estes nem

⁷⁹ Lc 10,21.

⁸⁰ Lc 13,17.

⁸¹ Lc 15, 5-6.

⁸² Lc 15,7.

⁸³ Lc 15,9.

⁸⁴ Lc 15,10.

⁸⁵ Lc 15, 23-24.

⁸⁶ Lc 15,29.

⁸⁷ Lc 15,32.

⁸⁸ Lc 19,6

conseguiram acreditar⁸⁹. E, na Ascensão de Jesus, eles voltaram para Jerusalém com grande alegria⁹⁰.

O Evangelho de Lucas, portanto, convida a ficar atentos e preparados, pois tudo aquilo que se lê, todos os caminhos, levam à alegria. Pode-se dizer que Lucas nos faz o mesmo convite que fez São Paulo na Carta aos Filipenses: “*Alegrai-vos, portanto, sempre no Senhor!*”⁹¹ pois é n’Ele que se encontra toda fonte da alegria humana.

Todas as citações aqui enumeradas e apresentadas fazem concluir que o evento Cristo traz a Alegria que é o assunto principal de Lucas. Assim, como disse também São Paulo aos Gálatas, a alegria faz parte dos frutos do Espírito Santo⁹², a alegria em Lucas é origem de tudo, fonte espiritual. Fora desse contexto, pode-se afirmar que não há alegria verdadeira. A alegria plena e completa nasce com a encarnação de Cristo, e se manifesta com a revelação do Senhor ao homem ao longo da sua vida terrestre. A alegria em Lucas nasce também da confiança no amor e na misericórdia de Deus.

2.1.2. A misericórdia como fonte de Alegria⁹³ em Lucas

“*Sede misericordiosos, assim como vosso Pai é misericordioso*”⁹⁴. Esse convite de Jesus colocado por Lucas no seu Evangelho vem mostrar a exemplaridade do modo de agir de Deus em relação aos homens. O texto de Lucas é o *Evangelho da Alegria*. A misericórdia de Deus é uma manifestação especial de sua graça, do seu amor e da sua alegria. A alegria da salvação trazida por Cristo se funda na misericórdia de Deus. Os textos da infância de Lucas - o Magnificat e o Benedictus - são testemunhas eloquentes⁹⁵. Outras parábolas ilustram isso de modo muito claro.

No encontro que Jesus tem com a prostituta⁹⁶, em que Ele lhe oferece o perdão como também a Zaqueu e o publicano⁹⁷, são três exemplos que mostram que a misericórdia é para todos. Não é questão só de compaixão como sentimento, mas, antes, de misericórdia ativa, do agir segundo o sentimento correspondente. Isso é uma base que confirma que a

⁸⁹ Lc 24,41.

⁹⁰ Lc 24,52.

⁹¹ Filipenses 3,1.

⁹² Galatas 5,22.

⁹³ FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*, Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. Brasília: CNBB. 2015. n°2.

⁹⁴ Lc 6,34.

⁹⁵ Lc 1, 50. 54. 72. 78.

⁹⁶ Lc 7,36-50.

⁹⁷ Lc 19,1-10.

misericórdia do Pai não tem limites e que a alegria que o Cristo veio trazer no mundo é para todos.

A alegria tem uma das suas fontes na misericórdia de Deus e se revela ainda em ações como o encontro com o possesso a quem é oferecido a missão de narrar episódios de como o Senhor teve misericórdia dele⁹⁸. A parábola do filho perdido⁹⁹ - e também as curas de Jesus - que Lucas apresenta como gestos de amor, ternura e de misericórdia de manifestações de seu poder¹⁰⁰ - são, igualmente, outras ilustrações da sua misericórdia. O episódio do bom samaritano que, ao ver em seu caminho alguém caído, “*se comove*”, aproxima-se e, movido de compaixão, cura-lhe as feridas¹⁰¹ vem ainda como confirmação daquilo que diz Paulo¹⁰²: Deus é o “Pai de todas as misericórdias”.

Inclusive, ao ser morto, o Cristo se lembra de pedir perdão e perdoar os responsáveis pela sua morte na hora da crucifixão¹⁰³: “*A mensagem de Jesus é [então] misericórdia. [...], é a mensagem mais forte do Senhor*”¹⁰⁴. O Deus que Ele veio nos revelar e que Lucas nos apresenta no seu Evangelho é um Pai misericordioso e amoroso. Um Deus que quer a conversão dos pecadores, pois os ama, mas não ama o pecado. Um Deus que quer que sejamos todos salvos, e por isso enviou seu Filho para nos salvar; um Deus que tem como nome Misericórdia¹⁰⁵. Assim, fala-se, por exemplo, da alegria que Deus sente quando um pecador se converte¹⁰⁶; isto é, Lucas quer apresentar um Jesus que dá alegria e felicidade.

A misericórdia é a mensagem que aparece com frequência no Evangelho de Lucas para falar da natureza divina. “*o fato d’Ele¹⁰⁷ ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas ações da história da salvação, onde a sua bondade prevalece sobre o castigo e a destruição*”¹⁰⁸.

⁹⁸ Lc 8,26-39

⁹⁹ Lc 15,1-32.

¹⁰⁰ Lc 17,11-19.

¹⁰¹ Lc 10,33-37.

¹⁰² 2 Cor 1,3.

¹⁰³ Lc 23,34.

¹⁰⁴ Francisco. *O nome de Deus é Misericórdia*, uma conversa com Andrea Tornielli, São Paulo, Planeta, 2016. p.16.

¹⁰⁵ Título do livro do Papa Francisco que citamos mais alto: *O nome de Deus é misericórdia*.

¹⁰⁶ Lucas 15,7.10.32.

¹⁰⁷ Ele aqui se refere à pessoa de Deus.

¹⁰⁸ MV 6.

2.1.3. Alegria em Lucas, fruto do amor de Deus pela humanidade.

Tudo que foi dito confirma que uma das provas maiores de Alegria em Lucas é o amor de Deus para com a humanidade, pois a misericórdia é fruto do amor. Esse Amor que Deus tem por nós é - segundo as palavras do Papa Francisco - é o amor primeiro de Deus manifestado para cada um de nós. A misericórdia de Deus é *“uma grande luz de amor e ternura, porque Deus é... comprometido com a nossa salvação”*¹⁰⁹.

O amor de Deus em Lucas, como em todo o Novo Testamento, é, antes de mais nada, o amor de Pai, mas é absolutamente livre em sua escolha. Esse Pai cuida dos filhos amados como também de todas as criaturas¹¹⁰, mas castiga também paternalmente. O amor de Deus é encontrado de maneira corporal em Cristo, *“Filho amado do Pai”*, no qual também somos amados e isto com um amor redentor e misericordioso para com todos¹¹¹. *Esse amor é incondicional, visa o homem inteiro e dele exige uma resposta*¹¹² definitiva que se manifesta numa adesão total e confiante e depois numa preocupação pelo outro que está por perto e clama por nós.

Esse amor, em nós, traduz-se e se vive no amor que manifestamos ao outro, quando decidimos ajudar, quando aceitamos de encontrar o rosto do outro e não desviamos o nosso olhar. O outro que clama por nós e pelo qual, com amor, temos compaixão, porque nos sentimos incomodados. O outro que encontramos no pobre, no marginalizado, na viúva, no órfão, no excluído, no estrangeiro. Esse outro é aquele que foi relegado a viver nas periferias do nosso mundo. Enfim, esse amor é também aquilo que devemos ter por nós mesmos, porque precisamos corresponder ao mandamento de Cristo: *“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”*¹¹³ para alcançar a plena alegria que Cristo veio ao mundo trazer.

Como viver, então, essa Alegria? Tendo em vista que a alegria de Cristo se manifesta no evento Cristo, na sua misericórdia e seu amor por cada um de nós; como o Magistério da Igreja nos orienta a buscar essa Alegria? Vamos analisar as Exortações Apostólicas GD do Papa Paulo VI e EG do Papa Francisco para compreender o caminho que a Igreja nos apresenta para a construção e a promoção da alegria.

¹⁰⁹ O nome de Deus é misericórdia, p.23.

¹¹⁰ Lc 12,22-32.

¹¹¹ Lc 4,17ss.

¹¹² Lc 11,23; 16,13.

¹¹³ Mc 12,30.

2.2. A alegria nos documentos do Magistério.

2.2.1. A alegria na Exortação Apostólica *Gaudete In Domini* de Paulo VI¹¹⁴.

“*Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos! Pois está perto de todos os que o invocam, de todos os que o invocam sinceramente*”¹¹⁵.

A exortação GD do Papa Paulo VI é uma “*chamada à renovação interior e à reconciliação em Cristo. Trata-se da salvação dos homens e da sua felicidade em seu pleno sentido*”¹¹⁶. Partindo dessa definição, podemos entender que o objetivo dessa exortação é levar os cristãos em particular e todos os homens em geral a reencontrar o sentido da vida e a viver de maneira plena a Alegria - dom de Deus. Isso justifica o título dado pelo Papa Paulo VI: *sobre a alegria cristã*. A exortação é um tratado da alegria cristã. Essa alegria que traz em si muitas exigências, dentre elas a exigência do amor¹¹⁷. Mas, por que a necessidade de uma renovação da alegria? A análise do contexto dessa Exortação e as suas mensagens auxiliam na resposta a essa pergunta, e pode ser lido a seguir.

2.2.1.1. O contexto da Exortação.

Quanto mais profunda for a memória do passado para o ser humano, melhores serão as condições para conhecer o presente, e tanto mais sólida se tornará a programação para o futuro. Essa ideia se aplica em todos os âmbitos da vida e é válida também para a fé.

Entre os anos 1962-1965, uma nova era marcava a vida da Igreja: a realização do Concílio Vaticano II. Nele, notam-se a memória, a reflexão e as experiências dos períodos passados. Mas o período mais importante certamente foi o *pós-concílio*, que assinalou controvérsias diversas. A história mostra que, depois de quase todos os concílios, aconteceram sempre períodos de conturbações. E não foi diferente com o Vaticano II.

Ao declarar terminado o Concílio, o Papa Paulo VI abriu a Igreja à modernidade. Essa abertura influenciou os documentos conciliares, pois se via como a marca exclusiva dos anos 60-70. Com a modernidade, também vieram as realidades mundanas, que durante um tempo, foram consideradas negativas na linguagem da Igreja. Elas assumiam nova face e aspectos alegres - ilustradas, sobretudo na Constituição Pastoral GS¹¹⁸. Mas as dores e

¹¹⁴ Exortação Apostólica publicada em 09 de maio de 1975, disponível em espanhol no site do Vaticano: www.vaticano.va, tradução para o português Louis Marie NDOMO EDOA.

¹¹⁵ Fl 4,4; Sl 145,18.

¹¹⁶ GD 2.

¹¹⁷ GD 3.

¹¹⁸ Alegria e Esperança, reflexo do novo olhar da realidade do mundo.

angústias dos povos, mesmo quando não são esquecidas, não encontraram respostas práticas. Assim, a recepção do Concílio não foi tranquila, pois, no mundo os povos anseiam por aquilo que pode resolver os problemas das dores, da pobreza, das angústias, dos sofrimentos. A modernidade levou o homem à reinterpretação da Escritura, da Tradição, dos dogmas e da verdade. Passa-se assim de uma interpretação especular a uma interpretação existencial. A objetividade perde seu valor e deve ceder o seu lugar à subjetividade, como mediação fundamental. Esse clima vai percorrer todo o tempo do pós-concílio e levará o Papa Paulo VI a perceber que o mundo está vivendo a perda de um atributo essencial à sua sobrevivência: a alegria. Isso o conduziu, uma década depois do Concílio, a abrir o Ano Santo da Reconciliação e da Alegria.

Durante esse ano, foi enfatizado a redescobrir o valor da alegria, fruto da Reconciliação com Deus e com os irmãos. E é certo que não se pode falar de verdadeira alegria sem antes considerar que toda alegria tem a sua origem do próprio Deus¹¹⁹. É Deus que coloca a necessidade de viver alegre no coração humano: a busca da alegria é um chamado permanente na vida do ser humano que vem de Deus, pois Ele “*dispõe a inteligência e o coração da sua criatura [...] ao encontro da alegria e da verdade*”¹²⁰. Então, como todo chamado necessita de uma resposta; a esse convite precisamos também dar uma resposta. É por isso que se deve estar atento à intuição do nosso coração, que leva a pressentir a presença de Deus.

2.2.1.2. A Sagrada Escritura: fonte da alegria cristã.

Segundo a *Gaudete in Domino*, a Sagrada Escritura é a principal fonte de alegria cristã. Esquecer-se dessa fonte faz com que se corra atrás de uma alegria que, na verdade, é ilusória e nunca poderá responder aos problemas que enfrenta a nossa sociedade. Para descobrir, então, esta alegria contida na Sagrada Escritura, é bom percorrer a História da Salvação, a fim de entender nela o sentido da alegria.

- No Antigo Testamento, a alegria é por essência uma participação espiritual da alegria insondável, da vida divina e humana¹²¹. Esta alegria se anuncia misteriosamente no meio do povo, mas a sua identidade não é totalmente revelada. É a alegria da salvação que é comunicada ao longo da história da salvação do povo de Israel. Ela é constantemente

¹¹⁹ GD 5

¹²⁰ Id.

¹²¹ GD 16.

renascente na vida do povo. E, segundo o Papa Paulo VI, essa alegria se refere também à alegria atual, cantada muitas vezes nos Salmos¹²². É a alegria da salvação que “*se amplia e se comunica ao longo da história do Antigo Israel*”¹²³. Falar de alegria no Antigo Testamento é falar da experiência exultante de libertação e restauração que tem a sua fonte no amor misericordioso de Deus para o seu povo. Mas essa experiência não se acaba com o povo do Antigo Israel, pois também o plano de salvação não está realizado totalmente; ela se realiza de maneira plena com a vinda de Cristo e a instauração da Nova Aliança.

- No Novo Testamento, o grande gozo anunciado pelo anjo, na noite da natividade, será para todos os povos¹²⁴. A alegria não é mais um mistério, mas uma pessoa: o Cristo. Ele é a fonte de toda alegria¹²⁵. E para contagiar o humano com a sua alegria, Cristo experimenta, ele mesmo, na sua humanidade todas as alegrias humanas¹²⁶. Ele “*conheceu, apreciou, exaltou toda uma gama de alegrias humanas, dessas alegrias simples e cotidianas que estão ao alcance de todos*”¹²⁷. Cristo, então, viveu em tudo a natureza humana. Ele nos revela em que consiste a verdadeira alegria: a acolhida da palavra, a libertação dos possessos, a conversão dos pecadores, a generosidade com as viúvas, a acolhida dos estrangeiros, o socorro aos órfãos. A alegria de Cristo se manifesta também na sua solidariedade com os mais pobres, sua compaixão com aqueles que sofrem¹²⁸. No Evangelho de Lucas, de maneira particular, abundam as sementes da alegria: os milagres de Cristo, as palavras de perdão são outras tantas demonstrações da bondade divina¹²⁹. Para os cristãos então, como para Jesus, viver a alegria é viver as alegrias humanas em ação de graças ao Pai¹³⁰. Jesus, para os povos, é fonte de paz, segurança, disponibilidade, alegria. Mas, se Ele irradia essas qualidades, isso “*se deve ao amor infável com que se sabe amado pelo Pai*”¹³¹. Isso nos faz entender que a alegria que encontramos em Deus é um convite não só à participação dessa mesma, mas, sobretudo, configura-se como um envio a manifestá-la no meio dos povos, pois, é no amor manifestado um pelo outro que o mundo saberá que somos discípulos de Cristo¹³². Isso nos

¹²² GD 18.

¹²³ Id.

¹²⁴ GD 22; Lc 8,10.

¹²⁵ Lc 1,44; Jo 3,29.

¹²⁶ GD 23.

¹²⁷ Id.

¹²⁸ Mc 8,2; Mt 9,36.

¹²⁹ Lc 13,17.

¹³⁰ GD 23.

¹³¹ GD 24; Lc 3,22; Jo 17,19.

¹³² Jo 13,35.

leva a dizer com Paulo VI que “*esta alegria de estar dentro do amor de Deus começa já aqui embaixo. É a alegria do reino de Deus. Mas é uma alegria concedida numa caminhada difícil, que requer uma confiança total no Pai e no Filho, e dar uma preferência às coisas do Reino*”¹³³. É essa alegria que encantou e tocou os corações de muitos homens nesta terra e os levou a dar as suas vidas pela causa do Reino. A alegria que animou tantos e tantos santos no dia dia das suas existências.

2.2.1.3. Alegria do povo de Deus - mensagem da GD.

Ao chamado que vem de Deus, a resposta é a alegria ou felicidade e se obtém quando conseguimos encontrar a satisfação de estar em posse do bem conhecido e amado. Assim, conseguimos experimentar a alegria quando estamos em harmonia com a natureza e, sobretudo quando fazemos a experiência de comunhão com os outros.

A alegria verdadeira é também a capacidade de reconhecer que não existe uma perfeita. Mas isso não deve impedir de falar da alegria, de pensar na alegria, pois, é precisamente diante da dificuldade de todos falarem de um assunto que se encontra a necessidade de conhecê-lo e fazê-lo escutar.

O Papa Paulo VI convida a ler a alegria do povo cristã, povo de Deus em três etapas: contemplando primeiro a vida dos Santos como modelos e exemplos; depois anunciar essa alegria para todos os povos e, enfim, de maneira particular pensar na juventude que é a esperança de um povo cristão semelhante a Cristo. Observe-se a mesma sequência que apresentou a exortação.

- Falando da alegria vivida pelos Santos, Paulo VI cita, como modelo de expressão mais pura da alegria, a Virgem Maria. Depois, fala dos mártires como sendo aqueles que abraçaram com o mais fiel amor a cruz de Cristo - fonte e origem de toda alegria. Assim, como dizia, por exemplo, Santo Inácio de Antioquia: “*com grande alegria os escrevo, desejando morrer. Meus desejos terrestres têm sido crucificados e não existe mais em mim chama a amar a materia, mas há em mim uma água viva que murmura e diga: vem para o Pai*”¹³⁴. Esses, chamados também de mestres espirituais, deixaram mensagens sobre a alegria; estado daquele que alcança o conhecimento de Cristo e deseja viver em união com Ele. Um deles, São Maximiliano Kolbe, discípulo genuíno de São Francisco, em meio às

¹³³ GD 26.

¹³⁴ Carta a los Romanos VII, 2: *Patris Apostolici*, ed. Funk, I, Tubingae 1901, p.261; Cf Jn 4,10; 7,38; 14,12. Citado pela GD 35.

mais trágicas provas que ensanguentaram nossa época, ofereceu-se voluntariamente à morte para salvar um irmão desconhecido. Constatamos, então, que “*a alegria é o resultado de uma comunhão humano-divino cada vez mais universal*”¹³⁵, e deve se abrir para todos.

- Uma alegria para todos: pois, “*sentimos que nossa alegria, a mesma que a vossa, não será completa se não olharmos juntos, com plena confiança, ao autor e consumidor da fé, Jesus*”¹³⁶. A alegria é para todos, todos os povos, todas as raças e nações, pois, o povo de Deus não pode ser pensado de maneira abstrata¹³⁷ ou admitir exclusões. A nossa missão, como portador da alegria que vem de Cristo, é ajudar os irmãos a escolher as trilhas da alegria evangélica em meio às realidades que constituem suas vidas e diante daquelas que não podem se separar. Precisamos ser promotores e anunciadores da verdadeira liberdade e alegria no meio do mundo e dos irmãos que vivem no mundo. Por isso, devemos denunciar as faltas graves que podem tirar a paz e alegria desses irmãos.

- “*Do encontro entre o ser humano que há, durante alguns anos decisivos, a disponibilidade da juventude, e a Igreja na sua juventude espiritual permanente, nasce necessariamente, por uma e outra parte, uma alegria da alta qualidade e uma promessa de fecundidade*”¹³⁸. Os jovens se apresentam como aqueles a quem se deve beneficiar de primeiro esse anúncio, pois são de uma geração que está esperando alguma coisa de nós, uma coisa grande, uma coisa outra, diferente daquela que estão vendo. Uma coisa que pode lhes trazer a verdadeira alegria que a crise e as dificuldades do mundo presente lhes tiraram. Eles esperam algo de profundo e de libertador, pois, as ilusões desse mundo trouxeram outras ilusões; uma vez que é profunda a alegria da verdade divina reconhecida na Igreja: *gaudium de veritate*¹³⁹.

Enfim, podemos caminhar na mesma estrada que a Exortação GD dizendo, portanto que a verdadeira alegria é aquela “*alegria comum, verdadeiramente sobrenatural, dom do Espírito de unidade e de amor, e que não é possível de verdade senão onde a pregação da fé é escolhida integralmente*”¹⁴⁰. Essa verdadeira alegria cristã é capaz de encher o coração humano. Nasce sempre de certa visão acerca do homem e de Deus e não pode se separar da participação do humano no divino, pois, no mesmo Deus, tudo é alegria porque tudo é um

¹³⁵ GD 43.

¹³⁶ GD 45.

¹³⁷ GD 47.

¹³⁸ GD 56.

¹³⁹ S. Agustin, *Confesiones*, Libro X, c.23: CSEL, 33, p.25. citado pela GD 60.

¹⁴⁰ GD 68

Dom, é Amor. Esse amor que é em última análise fonte e sinal da alegria cristã, alegria humana.

2.2.2. Alegria na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

Na manhã do dia 11 de fevereiro de 2013, a renúncia do Papa Bento XVI foi anunciada (para o dia 20 de fevereiro). A Igreja e o mundo receberam a notícia com consternação e certo desânimo. Era um evento inédito. A Igreja parecia refletir dentro dela um reflexo daquilo que a sociedade já vivia: uma grande crise. Essa crise da Igreja anunciava, assim, um tempo que se caracterizava mais por ser de *mudança de época* do que de *época de mudança*. Entretanto, ninguém poderia imaginar que esse mesmo evento que se anunciava ser a grande crise da Igreja iria trazer para ela uma grande esperança. No dia 13 de março, quando foi eleito e apresentado, como o novo Papa, alguém que vinha no fim do mundo¹⁴¹, percebeu-se que havia chegado a hora urgente e ingente de mudanças; como sinaliza o Papa Francisco ao longo da EG: mudanças de ótica, de rumo, de pensamento - e muito mais.

A *Evangelii Gaudium* do novo Papa (Francisco), pois é dela que estamos falando, é um documento abrangente e programático para a vida cristã nesses últimos tempos. Ela é uma exortação que traz consigo muitos aspectos de grande importância como a colegialidade, a confiança na presença de Deus no meio de nós, a liberdade dos oprimidos e da opressão, a nova evangelização como urgência e a redescoberta do dom maior de Deus que é a alegria. O estudo dessa exortação exige aqui a análise do contexto do seu surgimento, da sua estrutura e da sua mensagem central.

2.2.2.1. Contexto da Exortação

“*Um homem que, desde a contemplação e a adoração de Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si em direção às periferias existências; que ajude a Igreja a ser mãe fecunda, que vive a doce e confortadora alegria de evangelizar*”¹⁴², com esta frase, o Cardeal Bergoglio apresentava ao colégio eleitoral o perfil do novo papa. Mas, mal sabia que ele estava traçando o perfil que ele próprio deveria seguir.

Há aqui que se considerar que vivemos numa sociedade líquida; uma sociedade onde tudo pode ser descartado e nada reutilizado. Uma sociedade do consumismo, onde se

¹⁴¹ Segundo as próprias palavras do Papa Francisco na noite do dia 13 de março de 2013, durante sua primeira aparição na Praça São Pedro do Vaticano, o Papa Vai dizer: “*os cardeais foram buscar no fim do mundo...*”.

¹⁴² BRIGHENTI, A. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In SILVA, J. M. *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: vozes. 2014. p.14.

considera que pode se comprar tudo. A sociedade com a qual o Cardeal Bergoglio vai ter que conviver como Papa é uma sociedade onde tudo se derrete, perdeu-se o sentido do perene, eterno, definitivo e ético. Os valores são outros e são esses que regem as relações e as decisões humanas. Esses valores vão promover atitudes como o individualismo, a confiança desenfreada na tecnologia e no consumismo, a ideologia do prazer¹⁴³. O desenvolvimento crescente da genética e da informática, a falta de cuidado com a natureza e o planeta; colocando assim as vidas dos seres humanos em risco. A Igreja não ficou fora dessas mudanças e dessa crise. E mais, ela precisava assumi-las. Mas, mesmo assumindo as crises, ela não fez grande avanço para sair delas, deixando, assim, as reformas e a renovação do Vaticano II a meio caminho.

Ainda em 2012, o Papa Bento XVI tinha anunciado o sínodo dos bispos com o tema: *A nova evangelização para a transmissão da fé*. A convocação desse sínodo se fazia num momento de grande importância para a Igreja, pois, durante a sua realização foram comemorados o quinquagésimo aniversário da abertura do Concílio Vaticano II e o vigésimo aniversário da publicação do CIgC. Era uma oportunidade de reler a caminhada da Igreja, rever o contexto no qual o mundo vivia e pensar uma nova via de anunciar Jesus Cristo. A nova evangelização tinha como objetivo responder a uma pergunta que a Igreja precisava ter coragem de se colocar, para ousar um recomeço da sua vocação espiritual e missionária¹⁴⁴. Também chamava ao desafio de reinventar a Igreja, fundando-a na convocação evangélica. Depois, era um chamado a responder a pergunta: *o que há de errado no mundo? O que fez ou deve fazer a Igreja?*

Em 13 de março de 2013, iniciou-se uma nova caminhada com a eleição daquele que tinha dado o perfil do novo Papa. Esse homem que, com sua simplicidade, sua transparência e sua espontaneidade, inaugurava na Igreja a era da normalidade. Em 24 de novembro do mesmo ano, o Papa Francisco publicava assim a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre a nova evangelização, o primeiro texto produzido integralmente por ele¹⁴⁵. Nas primeiras palavras, ele deixa transpassar uma Boa-nova de alegria e fé: “A *alegria do*

¹⁴³ Aqui, a vida é compreendida como sendo um simples gozo. Por isso, é valorizado o presente e se despreza o futuro.

¹⁴⁴ Sínodo dos Bispos, XIII Assembleia Geral Ordinária. *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*, Instrumento Laboris. n.46. São Paulo: Paulinas. 2012.

¹⁴⁵ Alguns meses antes, exatamente no dia 5 de julho, ele havia publicado a Encíclica *Lumen Fidei sobre a fé*. Segundo as suas próprias palavras, a encíclica era fruto do trabalho de muitas mãos, pois tinha sido iniciado pelo Papa Bento XVI antes da sua renúncia, onde o atual Papa reconhecia o papel e a contribuição do seu predecessor.

*Evangelho [que] enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus*¹⁴⁶, mostrando assim que o objetivo da Exortação é promover o encontro com Jesus, fonte de verdadeira alegria.

2.2.2.2. A estrutura do texto

A EG é um texto bem longo, com abordagem que toca múltiplos assuntos, mas com foco principal na nova evangelização. Muitos são os autores que se dedicam a analisar esse texto e os resultados dessas análises levarão bom tempo para dar uma visão geral e menos conjuntural sobre seu significado. Compete-nos aqui apresentar só a sua estrutura e uma ideia geral de cada parte. O texto em si compreende uma introdução e cinco capítulos. Introduzindo o texto, o Papa vai denunciar a tendência de isolamento que a sociedade atual provoca e vai convidar os católicos a uma renovada experiência de encontro com Cristo. Várias passagens bíblicas são citadas, deixando assim transparecer a alegria e a sublimidade da tarefa evangelizadora; confirmando assim que a verdadeira alegria vem de Jesus Cristo e do seu Evangelho.

- O primeiro capítulo tem como ideia principal *a transformação missionária da Igreja* e tem também como título essa mesma ideia. Essa transformação busca no fundo da Igreja uma vivência de alegria como nossa primeira vocação. Nesse capítulo, o Papa convida a sermos evangelizadores cuja vida irradie fervor, alegria e esperança e que *“conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas”*¹⁴⁷.

- No segundo capítulo é abordada a *crise do compromisso comunitário*. A Exortação inicia denunciando a idolatria do capital que quer subverter a ordem natural das coisas, colocando, no centro, o capital no lugar do serviço e da justiça. Muitas tentações olham para os agentes pastorais e os cristãos em geral. Entre elas, há a tentação de uma fé fechada, que só pode trazer infelicidade e tristeza, dividindo e enfraquecendo assim a ação evangelizadora e privando-a do testemunho da comunhão.

- No terceiro capítulo, fala-se do *anúncio do Evangelho*, e de vários aspectos da ação evangelizadora. A Igreja é a totalidade dos batizados, e todos são chamados, a partir do seu batismo, a evangelizar. Essa é a primeira missão da Igreja que, para realizá-la, precisa aprofundar a sua catequese. Um destaque é dado para a Homilia, por sua importância na

¹⁴⁶ EG, 1.

¹⁴⁷ EG 10.

evangelização. Ela é o ponto principal para avaliar a relação e a fertilidade do encontro entre um pastor e seu rebanho¹⁴⁸.

- O capítulo quatro se intitula: *a dimensão social da evangelização*. Aqui, foram abordados pontos como a inclusão social dos excluídos; o trabalho político; o diálogo social; o diálogo entre fé e razão entre outros. Todos esses pontos fazem parte do compromisso não só da Igreja, mas de todos, pois quem “*experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe desse muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Jesus Cristo*”¹⁴⁹.

Também nos diz ainda a EG que: “*Todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a Sua proximidade, a Sua Palavra, a Sua força, e dá sentido a nossa vida*”¹⁵⁰.

- O quinto e último capítulo trata dos *evangelizadores com Espírito* e aborda a espiritualidade dos evangelizadores. Somos chamados a retomar o encontro pessoal que fizemos com Cristo, pois é a partir desta experiência que se sente uma verdadeira necessidade de falar da pessoa amada. A Exortação vai seguir a EN¹⁵¹ e a RM¹⁵² e vai se encerrar com o capítulo sobre espiritualidade evangelizadora e convidar a anunciar o evangelho como única fonte de liberdade¹⁵³ e alegria.

2.2.2.3. A Mensagem da *Evangelii Gaudium*.

Evangelizar exige de nós uma entrega alegre e generosa, por isso, “*seria um erro considerá-la como uma heroica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus (...) Em qualquer forma de*

¹⁴⁸ EG 135.

¹⁴⁹ EG 120.

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI sobre a Evangelização no mundo Contemporâneo.

¹⁵² *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica do Papa João Paulo II, publicado no dia 7 de Dezembro de 1990, dedicada ao tema da "urgência da atividade missionária" e da "validade permanente do mandato missionário".

¹⁵³ Neste ponto, o Papa cita a EN dizendo: “*Será um crime contra a liberdade de outrem o proclamar com alegria uma Boa Nova que se recebeu primeiro, pela misericórdia do Senhor? Ou porque, então, só a mentira e o erro, a degradação e a pornografia teriam direito de serem propostos com insistência, infelizmente, pela propaganda destrutiva dos “mass media”, pela tolerância das legislações e pelo acanhamento dos bons e pelo atrevimento dos maus?*” (EN 80).

*evangelização, o primado é sempre de Deus, que nos quis chamar a cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito*¹⁵⁴.

Para perceber qual é a mensagem desse documento, é importante determinar as suas principais características. A EG é uma volta à reflexão sobre a alegria como desejo de reforma, conversão e autocrítica¹⁵⁵. É um convite feito não só àqueles que invocam o nome de Cristo, mas a toda a humanidade, um convite a redescobrir o verdadeiro sentido da palavra alegria. Paulo Suess dirá que a EG poderia ter como subtítulo a GS¹⁵⁶. Essa Exortação, assim como os documentos essenciais do Magistério que falaram da alegria depois do Vaticano II, apoiaram-se todos na GS.

A EG, cujo surgimento se deu depois do sínodo convocado em 2012, poderia ser uma simples Exortação Apostólica pós-sinodal, mas não é, absolutamente. Na realidade é um documento chave do pontificado de Francisco, o caminho que ele sugere para a caminhada da Igreja nos próximos anos. Víctor Manuel Fernandez dirá que, com a EG, o “*papa Francisco quer difundir à Igreja um vento de alegria e entusiasmo*”¹⁵⁷. Afirma o papa que o grande desafio do anúncio da fé e do encontro da alegria nos dias de hoje é comunicá-la em uma “*linguagem parabólica*”. Para isso ser possível, é necessário “*ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da palavra*”¹⁵⁸. Existe dentro do texto uma tensão entre encontro, diálogo e anúncio. São três conceitos essenciais para entender o que é a alegria no plano divino. O encontro se apresenta ser o mais importante, pois, como diz o papa citando Bento XVI, “*Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*”¹⁵⁹. Aqui se encontra o fundamento de toda ação evangelizadora, segundo o papa. Isso porque, do encontro com Jesus ressuscitado, renasce a esperança, o entusiasmo e o amor, superando-se todo desânimo¹⁶⁰. É assim que há de se questionar: aquele que “*acolheu esse amor que lhe devolve o sentido da vida, como pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?*”¹⁶¹; uma vez que entende que quem encontra a fonte de todas as alegrias, encontra a alegria plena.

¹⁵⁴ EG 12.

¹⁵⁵ EG 14.

¹⁵⁶ A Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje.

¹⁵⁷ Fernandez, V. M. *El programa del papa Francisco: ¿adónde nos quiere llevar?. Una conversación con Paolo Rodari. Buenos Aires: San Pablo. 2014. p.21.*

¹⁵⁸ EG 167.

¹⁵⁹ EG 7.

¹⁶⁰ EG 281-283.

¹⁶¹ EG 8

A EG revela como o anúncio consiste na partilha de uma alegria e é a indicação de um horizonte novo¹⁶². Esse anúncio “*se concentra no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário*”¹⁶³: Jesus Cristo. “*Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor*”¹⁶⁴, caso contrário só vem frustração e tristeza. Todavia, o anúncio deve ser encarnado e se exprimir através “*das obras de amor ao próximo como a manifestação externa perfeita da graça interior do Espírito*”. E, “*a misericórdia é a maior de todas as virtudes*”¹⁶⁵. É por isso que “*a Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças*”¹⁶⁶.

Através da EG, o papa quer oferecer elementos de mudanças que são cruciais para tornar a experiência eclesial mais autêntica, simples, alegre e aberta em prol da missão do Evangelho¹⁶⁷. Como ilustração dessas mudanças, o papa vai ressaltar que “*não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as razões que dizem respeito à Igreja e ao mundo*”¹⁶⁸, pois não convém “*que substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que se apresentam em seus territórios*”¹⁶⁹.

A Exortação não é um tratado de teologia e, por isso, ela não tem, como primeira preocupação, apresentar o ponto de vista teológico; seu intuito é antes de mais nada pastoral. Mas, tem uma teologia que perpassa o documento inteiro, apesar do fato de ser mais implícita do que explícita. Seu objetivo é o de que a Igreja faça a experiência do “*Ide, pois, fazer discípulos entre as nações, batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito-Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos tenho ordenado*”¹⁷⁰.

A EG trata da alegria. Mas, de qual alegria? A alegria de que trata a EG é uma alegria profunda, possível, até mesmo no sofrimento. É a alegria que envolve toda a história da Salvação. A Revelação de Deus, criador e salvador, provoca no homem uma alegria transbordante. Trata-se de uma alegria trazida pelo próprio Senhor da qual ninguém é

¹⁶² EG 11; 14.

¹⁶³ EG 35.

¹⁶⁴ EG 110.

¹⁶⁵ EG 37.

¹⁶⁶ EG 188.

¹⁶⁷ EG 27.

¹⁶⁸ EG 16.

¹⁶⁹ Id.

¹⁷⁰ Mt 28,19-20; EG 19.

excluído¹⁷¹. É a alegria da experiência, do encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo, ou “*pelo menos, a de tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia sem cessar*”¹⁷².

Além dos temas até então tratados e apresentados (anúncio, alegria, diálogo e encontro, Nova evangelização), a EG contém outros temas relevantes que necessitam ser estudados. São muitas as dimensões de crise que afetam as comunidades e a sociedade na qual vivemos; e cada uma dessas crises constitui um tema que a EG se propôs a analisar ou, pelo menos, indicar. Nesse sentido, devem-se destacar as dimensões econômica, social e religiosa do mundo - dentre as mais urgentes. A EG, revelando indícios e pressupostos para uma evangelização de aprofundamento do *querigma*, afirma: “*O primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento*”¹⁷³ assim também como o crescimento individual e a realização do projeto que Deus tem para cada um de nós. Para a realização desse projeto, faz-se essencial algo: a nossa total doação, pois é “*Na doação, [que] a vida fortalece-se; e enfraquece-se no comodismo e no isolamento. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam por comunicar a vida aos demais*”¹⁷⁴ (...) *A vida se alcança e amadurece, à medida que é entregue para dar a vida aos outros*”. Isto é, definitivamente, a missão”¹⁷⁵.

Depois de ter feito essa reflexão para entender o conceito de alegria na Sagrada Escritura e no Magistério da Igreja, é chegado o momento de se voltar à descoberta da nova forma de alegria que somos chamados a comunicar, manifestar e viver com os outros. Redescobrir essa verdadeira alegria à qual fomos criados e somos chamados a viver é a missão que queremos cumprir no último capítulo do nosso trabalho.

¹⁷¹ GD 22.

¹⁷² EG 3.

¹⁷³ EG 160.

¹⁷⁴ EG 10, citando a Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, *Documento de Aparecida* (29 Junho de 2007) 360.

¹⁷⁵ Id.

3. A ALEGRIA DE CRISTO COMO BASE DE REDESCOBERTA

Após analisado e estudado o que a sociedade considera ser a alegria, esse trabalho conduz a examinar na Sagrada Escritura e no Magistério qual é o sentido que ambos têm dado à expressão. Destaca-se então o significado que advém das palavras de Cristo, que assegura que a nossa alegria deve ser n'Ele, pois, assim ela conseguirá ser plena. Mas, se nossa alegria deve ser no Cristo, surge a pergunta: o que caracteriza a alegria de Cristo? Certamente são suas características que devem definir a nossa alegria, a partir do momento que, são elas que definem a verdadeira alegria cristã que o magistério de Francisco, de maneira especial a Exortação EG, clama por redescobrir. Assim, nesta última parte do trabalho, far-se-á um esforço para redescobrir o sentido da alegria e também responder às dúvidas e perguntas que foram suscitadas na pesquisa de campo.

3.1. Alegria na ternura

Segundo o Dicionário da EG de Paulo Suess, a ternura é uma expressão que a Igreja herdou do Documento de Aparecida¹⁷⁶ e seu significado também. Ele então a apresenta como *“uma energia trifásica e uma força revolucionária. As raízes dessa energia se encontram na ternura paterna de Deus (4,279), na misericórdia e no perdão do Filho (3,88,274), que sempre nos querem restituir a alegria... Finalmente, a ternura é pastoralmente assumida onde nós não temos medo de colocar os nossos dedos nas chagas de Jesus ressuscitado que se revela na ‘carne dos outros’”*¹⁷⁷. Dessa definição, apontam-se três expressões ou atitudes que, ligadas à ternura, geram a alegria: o amor que vem de Deus através da sua paternidade e da sua misericórdia e que nos leva a amar o outro; o risco de crer nesse Deus, colocando os nossos dedos nas feridas de Cristo e o encontro com o outro - encontro no qual devemos lhe manifestar a nossa ternura. Prossegue, então a análise dessas três atitudes; com a finalidade de entender o que elas geram em nós e no outro.

3.1.1. Ternura e amor

São João, na sua primeira epístola, escreve: *“Quem não ama, não chegou a conhecer Deus, pois Deus é amor”*¹⁷⁸. Esse escrito de João nos faz entender que o amor de Deus é um

¹⁷⁶ SUESS, Paulo. Op.Cit. P.158.

¹⁷⁷ Id.

¹⁷⁸ 1Jo 4,8.

convite: o convite à alegria, a nossa felicidade. Deus nos amou, e nos amando, também nos perdoa. Esse amor de Deus é uma experiência de ternura. A verdadeira experiência de ternura que também é uma verdadeira experiência de amor. Ela nos leva a descobrir quem somos verdadeiramente. E para descobrir quem somos nós, precisamos dos outros. Eles nos ajudam a nos reconhecer em nossos próprios sentimentos em relação aos outros e a nós mesmos. Para isso, precisamos olhar atentamente as nossas vidas, deter-nos em nossas experiências, reler nosso coração. Onde, como uma placa de raio X, fica refletido aquilo que, embora não possamos ver a olho nu, mas está aí escondido e que podemos sentir. O importante é reconhecer que está aí, porque, quando descobrimos o nosso próprio coração, também dele pode fluir a ternura.

Na experiência de ternura, descobrimos nossa capacidade de amar e ser amado. Todos nós precisamos amar, embora, às vezes, não saibamos como fazê-lo. Amar é uma arte, porque não consiste só em dar amor, mas também em recebê-lo, e isso, às vezes, pode ser até mesmo mais difícil. Mas, quando isso é realizado, começa a nossa caminhada em direção à alegria plena. Como disse Paulo Suess: “*a ternura de Deus-Pai nos faz encontrar, “no meio das pequenas coisas da vida cotidiana”, um convite à felicidade e um conselho a que não nos privemos dessa felicidade*”¹⁷⁹. Esse convite à alegria passa pela arte de ‘Amar e deixar-se Amar’. Assim, na medida em que se partilham coisas, também se gera amor mútuo, alegria mútua.

O Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia conceitua o amor: “*O amor é a realidade de Deus revelada em Jesus Cristo, perceptível na fé contra todas as aparências, no seu voltar-se para o homem e para o mundo*”¹⁸⁰. Portanto, onde há amor sabemos com certeza que Deus está presente. Esse amor é “*semelhante ao amor de um pai e de uma mãe que se comovem profundamente pelo seu filho; é um amor visceral. Deus nos ama desta forma com compaixão e com misericórdia*”¹⁸¹. À medida que vivemos desse amor - e nesse amor - podemos dizer que somos um pouco de Deus. Quem ama experimenta a ternura, sabe receber ternura e se expressa frequentemente com ternura. Mas esse amor não é sem risco, pois leva a um relacionamento sem certezas, onde somos chamados a nos despojar de toda segurança: aí começa a alegria.

¹⁷⁹ SUESS, Paulo. Op. Cit. P.158.

¹⁸⁰ EICHER, Peter (Dir.). *Diccionario de conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo. Paulus. 1993. P8.

¹⁸¹ O nome de Deus é misericórdia, p.130.

3.1.2. Ternura e risco: crer em Deus.

O amor vem de Deus e deve ser semelhante ao amor de Deus. Mas, para isso, é preciso seguir os passos de Cristo como está escrito em João: “*Tenho - dito essas palavras para que a minha alegria permaneça em vós e a vossa felicidade seja completa*”¹⁸². Assim, entendemos que, para que o nosso amor também seja perfeito e pleno, é preciso olhar para o amor que Cristo tem para conosco. Mas não é só olhar, precisa ainda se colocar a caminho, confiar e aprender com Ele. Donde o risco.

Em que consiste esse risco? O risco consiste em sair de uma ordem estabelecida, de uma ideia construída, para assumir uma iniciativa cujo resultado se ignora, nem se pode prever. E, o que é pior, nem sequer pode admitir lamentações posteriores, porque a iniciativa é a da vontade individual e responsável. O exemplo mais pertinente é o da parábola do vendedor de pérolas: “*Ao encontrar uma pérola de grande valor, vai, vende todos seus bens e a compra*”¹⁸³. Qual será aquele que, ao encontrar uma mercadoria de grande valor, não vende tudo para comprar uma tão especial? Isso se chama arriscar e apostar em algo desconhecido¹⁸⁴. O convite aqui é para deixar tudo e se arriscar na alegria que Deus nos propõe sem segurança alguma e que passa pelo outro que encontramos. Tudo se resume a confiar n’Ele e só isso. A alegria a que somos chamados é um convite a nos arriscar, sem esperar nada em troca: isso é o grande risco de crer nos homens, e particularmente nos mais necessitados, aquele que nada poderá retribuir. A parábola do encontro entre Jesus e Zaqueu é um belo exemplo. Devemos, para viver alegres, acreditar nos outros, confiar neles e isso implicaria:

- Ousar encontrar os outros, tendo por regra única o amor, deixando de lado normas sociais e preconceitos culturais.
- Abrir-nos aos outros com liberdade. Eliminar as barreiras que nos separem para despojar-nos diante dos outros.
- Aproximarmo-nos dos outros com curiosidade, isto é, aprender a descobri-los. Para isso, será necessário que nos descubramos a nós mesmos.
- Tornar mais agudo o sentido crítico diante daquilo que nos cerca.

¹⁸² Jo 15,1.

¹⁸³ Mt 13,46.

¹⁸⁴ Esse é o risco que o mundo hoje tem medo de assumir e podemos ilustra-lo lendo as resposta à segunda pergunta da terceira seção da nossa pesquisa de campo quando perguntamos: “*Pode-se associar alegria e o outro?*”. A resposta foi que não será bom pegar o risco.

Aqui se encontra o segredo para a alegria e quando se descobre isso, aprende-se a arriscar de um modo diferente pelos outros; o que pressupõe ir ao encontro deles.

3.1.3. Ternura e o encontro com o outro

O encontro segundo a EG “*é a capacidade do coração que torna possível a proximidade*”¹⁸⁵. Segundo Paulo Suess:

*“No encontro pode haver uma proximidade mais silenciosa e outra mais dialogal. A primeira, geralmente em torno de credos¹⁸⁶ diferentes, visa à compreensão e não à conversão do outro ou a coincidência dos pontos de vista. Pode haver harmonia entre as pessoas, além de discursos de convencimento. Outra forma de encontro é a ‘que privilegie diálogo como forma de encontro’ em ‘busca de consenso e de acordos’ em torno ‘da preocupação por uma sociedade justa’ ou convenções de verdade”*¹⁸⁷.

Segundo essas definições, pode-se deduzir que o encontro se dá de diversas maneiras. Ele pode partir da simples compreensão do outro sem querer convencê-lo, respeitando o que nele é diferente de nós: sem intenção de assimilá-lo. Mas existe uma grande dificuldade real de se encontrar com o outro. Essa dificuldade, muitas vezes, tem como fundamento “*a crise de identidade*”¹⁸⁸. Pode-se saber exatamente quem nós somos a partir do outro que encontramos, sem querer assimilá-lo. Para isso, deve se criar aquilo que a EG chamou de: “*cultura do encontro*”¹⁸⁹. Deve-se fazer um caminho para aprimorar nossos encontros. Partir daquilo que se considera uma verdade até chegar à construção de um conceito comum¹⁹⁰, passando pelo ponto mais crucial; que é a troca dos pensamentos, o momento de enriquecimento¹⁹¹. Essa ideia será melhor apresentada a seguir, desenvolvendo e estudando a ‘cultura do encontro’ como fonte da alegria.

¹⁸⁵ EG 171.

¹⁸⁶ Pensamentos, verdades.

¹⁸⁷ SUESS, Paulo. Op.cit. p.63.

¹⁸⁸ EG 78.

¹⁸⁹ EG 220.

¹⁹⁰ Onde nós (o outro e eu) nos encontramos com Deus: lugar por excelência do encontro

¹⁹¹ Lugar de partilha; onde eu ofereço aquilo que tenho e recebo do outro aquilo que ele traz consigo e vice-versa.

3.2. A cultura do encontro como fonte da alegria.

Nessa parte, queremos mostrar e definir de maneira nova aquilo que deve orientar a nossa busca da verdadeira alegria. Essa alegria, ao mesmo tempo em que é plena realização, contribui também para a realização dos outros. Não podendo viver sem o outro, ele se torna o elemento fundamental para a própria realização plena e pessoal. Para então favorecer esse encontro, precisa-se desenvolver a cultura do encontro, que se dá em três momentos: em primeiro lugar *aculturar* os nossos encontros, em seguida os *inculturar* para podermos chegar à *transculturação* do encontro. Mas, o que significam essas expressões e como isso se dá?

3.2.1. A aculturação do encontro.

A aculturação nasce junto com a inculturação no campo de estudo da liturgia em 1973¹⁹² e pode se definir como: “*O encontro entre uma cultura e outra, ou encontro entre duas culturas*”¹⁹³. No caso desse estudo, partindo dessa definição, pode-se dizer que a aculturação será o encontro entre duas pessoas. Nesse encontro, um ponto que não poderá faltar é a comunicação entre esses dois; onde se fazem presentes o respeito e a tolerância. É quando ninguém procura dominar o outro e cada um aceita de sair de si, pois o encontro deve se dar numa base externa. Tal encontro se inicia com um contato externo: um aperto de mão, um olhar e mais. Nesse processo, pode surgir a assimilação um do outro, por isso é necessário que as duas partes se relacionem “*em condições de respeito e tolerância mútuos*”¹⁹⁴. Nesse encontro não deve se influenciar ou se dominar, mas se tolerar e se respeitar: deve prevalecer a justaposição. Assim, podem-se considerar como elementos indispensáveis para a aculturação: a justaposição, que é externa; a interação e a ausência da assimilação. Esses elementos são fatores principais para definir o que é a aculturação.

A aculturação é o encontro entre duas pessoas, onde prevalece justaposição, e pode ser ilustrada pela seguinte fórmula: $A + B = AB$ ¹⁹⁵. Os elementos permanecem idênticos, cada um conserva suas qualidades, eles são colocados um ao lado do outro, não acontece

¹⁹² De acordo com G. De Napoli, a expressão inculturação foi criada por G. L. Barney para sublinhar “*a necessidade de manter a mensagem cristã intacta ao longo do curso do intercâmbio cultural*”. In CHUPUNGCO, Anscar. *Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2008, p.22.

¹⁹³ Ibid. p.24.

¹⁹⁴ Ibid. p.25.

¹⁹⁵ Id.

nenhuma mudança substancial. Disso decorre que “*eles podem se afastar um do outro a qualquer momento sem nenhuma consequência perceptível*”¹⁹⁶.

Esses tipos de encontro marcam o início da verdadeira alegria. Isso porque, aqui, ninguém se encontra influenciado pelo outro e cada um consegue se exprimir e doar aquilo que tem dentro de si, sem mudar nada do outro. A aculturação marca, então, o primeiro passo em direção à alegria que queremos redescobrir. Ela favorece o respeito, constrói-se na tolerância e garante o amor. A aculturação cria espaço suficiente para todos se encontrarem e poderem se exprimir. Mas ela não é o ponto final do encontro, pois ela se limita à escuta sem envolvimento: donde se dá a inculturação.

3.2.2. Inculturação como realização plena do encontro.

Enquanto na aculturação há um relacionamento que pede aproximação sem envolvimento, na inculturação é uma relação criativa e dinâmica. Ela é um processo contínuo onde deve haver interação como na aculturação, mas também assimilação. A inculturação não é uma mera aculturação ou adaptação externa, pois ela exige transformação interior de valores mediante uma integração. Aqui está o ponto crucial para se implantar no mundo uma cultura da alegria através do encontro com o outro. Após encontrar o outro, cada um deve sair transformado, renovado. Essa transformação se dá na interação que se tem com o outro e onde vamos oferecer aquilo que se tem, e receber aquilo que o outro tem a partilhar. A inculturação traz mudança. É onde está a fonte da alegria.

O processo de inculturação do encontro não põe em perigo a nossa natureza e os valores que se tem; como se pode perceber pelas respostas obtidas na pesquisa¹⁹⁷. Ela não ameaça a nossa cultura. A inculturação não deve terminar com aquilo que se tem, não deve ser um mero acréscimo da cultura do outro na nossa vida. A inculturação pode ser ilustrada pela fórmula $A + B = AbBa$, diferentemente da fórmula $A + B = AB$ da aculturação; onde cada um ficou identificado. A inculturação implica contato, proporciona enriquecimento mútuo, de modo que A não é mais simplesmente A, mas Ab e também B não é mais simplesmente B, mas Ba. Pode-se perceber que, na inculturação, as duas partes passam por transformação interna, mas não perdem sua identidade: é aqui que está a alegria. As duas partes passam a partilhar a mesma linguagem, o mesmo pensamento. Longe de diminuir

¹⁹⁶ Id.

¹⁹⁷ Respostas obtidas na pergunta 2 da terceira seção da nossa pesquisa, mas também embutidas nas outras respostas.

aquilo que trazemos, a inculturação promove uma vida em progresso. Ela atualiza e promove a participação ativa das duas pessoas, criando assim uma consciência aguçada da presença do outro na minha vida e no mundo. Ela leva ao processo de Transculturação.

3.2.3. A transculturação e a alegria

A transculturação é um fenômeno que ocorre quando um grupo social recebe e adota as formas culturais que provêm de outro grupo. No nosso caso, ela ocorre quando no encontro, cada parte presente dá e recebe algo diferente do outro. E, elas acabam por substituir, em certa medida, as suas próprias práticas culturais, seus próprios conhecimentos por outros. A transculturação é entendida, então, como esse processo gradual que culmina à harmonização de duas culturas e onde cada uma encontra seu lugar.

Ainda que ela possa acontecer sem conflitos, o processo geralmente se realiza com algumas tensões, tendo em conta que as pessoas se sujeitam à imposição de características às quais, até então, não estavam acostumadas. Ela consiste, antes de tudo, num fenômeno de enriquecimento e de transformação. A transformação se produz em diversas fases, durante as quais, inevitavelmente, perdem-se certos elementos próprios. Ela pode ser ilustrada da seguinte maneira: $A + B = C$; onde o elemento final é diferente das premissas¹⁹⁸, pois é a soma dessas. Quando se chega à transculturação, chega-se à alegria plena, aquela alegria produzida pelos processos de aculturação e inculturação.

A transculturação é a resultante duma inculturação bem realizada. Ela acontece a partir do momento em que, depois de ter tido contato com o outro e assimilado aquilo que ele oferece, saímos de nós para encontrar com o transcendente.

A alegria na inculturação do encontro se manifesta num processo de três etapas. Em primeiro lugar, ela se inicia com a aculturação que é aquela alegria que se sente quando se percebe que não está sozinho. É aquela alegria do encontro pelo encontro. Mas essa alegria ainda é insuficiente, por isso é necessário fazer um segundo passo que é a inculturação. Aqui deve-se ir mais adiante: relacionar-se, assimilar-se com o outro. Aqui a alegria está na partilha, na assimilação daquilo que o outro tem a oferecer. A alegria está no fato de perceber que está trazendo algo de novo para alguém: a alegria está “*em dar do que em receber*”¹⁹⁹. A inculturação tem como objetivo ajudar a chegar à transculturação que proporciona a

¹⁹⁸ O elemento final aqui é diferente, pois faz a soma das premissas e vai criar um novo elemento. C aqui é a soma do A+B. o elemento C contem então o A e o B

¹⁹⁹ At 20,35.

alegria plena. Em primeiro lugar, é a alegria de saber que acabamos de contribuir com a realização do outro; a alegria de dar, e de receber do outro algo de positivo. Em segundo lugar, é a alegria de poder se encontrar com o transcendente, com Deus que proporciona a verdadeira alegria: a alegria do encontro com Cristo. Essa alegria depende de sentimentos como gratuidade, amizade. É a alegria que leva a aceitar as coisas que se enfrentam, quer sejam dores ou sofrimentos; mas que também suscita generosidade e amizade.

3.3. Alegria na gratuidade

A gratuidade é *“uma resposta alegre ao amor de Deus que nos convoca para a missão e nos torna completos e fecundos”*²⁰⁰.

3.3.1. Tudo é dom; devemos aprender a agradecer.

*“Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro?”*²⁰¹. Hoje, não é fácil encontrar pessoas que saibam agradecer depois de ter recebido um serviço ou um favor do outro. Doutro lado, encontram-se muitos que se recusam de ajudar os outros porque não foram agradecidos pelo último serviço. Essa palavra da Sagrada Escritura também não foge dessa realidade, pois parece que Cristo está pedindo para ser reconhecido e agradecido. Assim pensamos: *“a quem beneficia o agradecimento?”*. Aquele que agradece ou àquele que é agradecido. O apóstolo Paulo vai dizer: *“De graça recebestes, de graça dai”*²⁰². Tudo aquilo que temos nós foi dado.

A história dos dez leprosos do Evangelho de Lucas²⁰³ ilustra bem uma situação que afeta tantas pessoas e deixam muitas numa tristeza tão grande²⁰⁴. Saber agradecer é tentar se encontrar com a alegria, é ir ao encontro dela ou, para dizer melhor: saber agradecer é ser uma pessoa alegre e feliz. A gratidão *“poderia ser um precioso espaço de encontro e solidariedade”*²⁰⁵ e não se transformar em lugar de retraimento e de desconfiança.

Para encontrar a alegria, é preciso que a ação de graças surja espontaneamente e ter a capacidade de descobrir e aceitar que tudo é dom. Não é suficiente sabê-lo, mas, antes é fundamental descobri-lo com o coração e se aprofundar nesse saber. Sim, a verdadeira

²⁰⁰ EG 81.

²⁰¹ Lc 17,18.

²⁰² Mt 10,8.

²⁰³ Lc 17,11-19.

²⁰⁴ Aqui pode se justificar as respostas obtidas na segunda pergunta da nossa pesquisa.

²⁰⁵ EG 75.

alegria é fruto do agradecimento e brota do coração antes de se encontrar na cabeça. Quem sabe agradecer é quem fez a experiência no seu íntimo. Quando essa experiência se torna convicção, as coisas são lidas de outro modo. Pois, *agradecer* é viver em constante alegria.

3.3.2. Alegria e generosidade: fruto da sabedoria

“*Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito, alegrai-vos! Seja a vossa amabilidade conhecida de todos os homens*”²⁰⁶. Sentir a vida como sendo um dom gratuito expande o espírito, pois dá alegria. É aquela alegria que vem do Ressuscitado, que conhecendo aquilo que para nós ainda está velado diz: “*A paz esteja convosco, alegrai-vos*”²⁰⁷. É a alegria de Paulo, que, em meio a incontáveis dificuldades, sabe que não está sozinho nas suas lutas de anunciar o Evangelho, não perde a confiança, mas louva a Deus e lhe dá graças no começo de cada carta. Ele tem a certeza que tudo está nas mãos daquele Senhor a quem ele dedica a sua vida e ainda tudo é obra o Espírito Santo. Essa é a mesma alegria que levou Santa Teresa a dizer, por exemplo: *Só Deus basta*.

Fazer a experiência da gratuidade faz ver tudo de modo diferente. De maneira inevitável, torna a todos também generoso. Pois, ela leva a pensar e também a perceber que cada minuto da nossa vida é um dom. Quando uma pessoa sabe²⁰⁸ que o bem-estar no meio em que vive é resultado não só do seu esforço, mas de um conjunto de circunstâncias, não lhe custa nada partilhar este bem-estar com os demais. E quando o faz, não pensa estar fazendo nada de importante, nada meritório, nada especial. Esse o faz com simplicidade, de coração, sem esforço porque ele encontra grande alegria o fazendo. E quando não o faz não se encontra feliz.

A gratuidade nos comunica uma experiência e nos faz um convite: sentir que Deus nos ama e sustenta a nossa vida. Essa é a Boa Notícia. É um tesouro escondido. Quem descobre esse tesouro, “*transbordante de alegria, vai vende tudo o que tem e o compra*”²⁰⁹. Essa alegria faz de nós pessoas capazes de responder com generosidade aos outros; pois entende-se que “*o ideal cristão convidará sempre a superar a suspeita, a desconfiança*

²⁰⁶ Fl 4,4-5.

²⁰⁷ Jo 20, 19.

²⁰⁸ Fazemos referência em saber realmente, nas entranhas e não de saber de maneira superficial.

²⁰⁹ Mt 13,45-46

*permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual*²¹⁰.

3.3.3. Encontrar o outro na gratuidade

*“Uma pessoa só dedica um tempo gratuito e sem pressa às coisas ou às pessoas que ama; e aqui se trata de amar a Deus”*²¹¹. Uma profunda experiência da gratuidade liberta da tirania da mentalidade do intercâmbio ou do pensamento: *“eu faço isso por você, mas espero que você faça algo depois pra mim”* como se percebe nas respostas à pesquisa realizada. O lugar, por excelência, da vivência dessa generosidade é o encontro com o outro e, sobretudo com os mais pobres, marginalizados, aqueles que não podem dar nada como retribuição. Aproximar-se dos pobres e marginalizados com Jesus é romper com essa lógica e fazer um passo mais adiante: sairmos de nossas casas, entrarmos num terreno inseguro, sem aparente eficácia, empenhado em algo irrelevante e sem interesse para a maioria. Isso ainda é verdadeiro quando existe a convicção de que este caminho, em si mesmo, reflete a confiança incondicionada de Deus na força do amor. É ali que se esconde a fonte da alegria à qual o Cristo nos convida.

Viver assim, é viver aquilo que se pode chamar de revolução da gratuidade na alegria. E é saber comunicar não com discursos, mas com o modo de ser e agir diante das surpresas da vida. É entender que *“o conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade”*²¹². Trabalhar numa base como essa gera insegurança, pois trabalhar com excluídos é difícil e inseguro. Inseguro porque fundamentamos nossos trabalhos na busca da eficácia. Mas aqui, a medida não é nossa, mas a do Evangelho. E é por isso que gera alegria; uma vez que nos obriga a arriscar tudo, sem certeza nenhuma e temos como único apoio a palavra de Cristo que nos diz: *“eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo”*²¹³.

²¹⁰ EG 88. Para dar essa resposta, ela nós leva fora de nós ao encontro dos outros, livres e sem esforço, pois, *“o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”* (GS 24).

²¹¹ EG 146.

²¹² EG 177.

²¹³ Mt 28,20.

3.4. Alegria, dor e amizade.

Na Carta Apostólica SD²¹⁴, São João Paulo II escreve que “*o sofrimento humano suscita compaixão, inspira também respeito e, a seu modo, intimida*”²¹⁵. Segundo ele, o sofrimento tem valor de levar a descoberta da alegria, quando é procurado e dado um sentido. Essa descoberta da alegria no sofrimento passa como sendo coisa absurda²¹⁶, mas é possível, colocando-se em prática algumas atitudes como a compaixão com os outros que sofrem, partilhando de seus sofrimentos; a criação de uma amizade que, fundada no sofrimento, alimenta-se do modelo de Cristo e dá como fruto o nascimento de uma alegria sólida. Em tudo, procuramos “*completar em nossa carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja*”²¹⁷ e pela nossa sociedade.

3.4.1. Dor e compaixão.

“*Um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e moveu-se de compaixão*”²¹⁸. A dor é um sentimento que também pede atenção. Ela parece nunca poder produzir alegria e, aliás, parece contraditório poder falar de alegria diante do sofrimento e da dor. Mas lendo esse trecho, vê-se que aquilo que ela está pedindo, mais do que palavras é presença próxima e companhia. A dor chama uma dinâmica de solidariedade real e paciente. Tudo isso aparentemente é pouco eficaz, mas sustentada à prova de fogo. Às vezes, diante das dores e sofrimentos, almeja-se resolver as coisas mais rapidamente. Esse caminho não é aquele que Cristo tomou e não trará a alegria à qual se aspira, pois “*o triunfo cristão é sempre uma cruz, mas cruz que é, simultaneamente, estandarte de vitória, que se empunha com ternura batalhadora contra as investidas do mal*”²¹⁹.

É preciso alcançar a alegria, carregando as nossas dores e as dos outros. E para isso, é preciso carregar o outro. Por isso, “*devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anima a amadurecer na vida*”²²⁰. É preciso falar, partilhar, apoiar-se de maneira mútua. Neste tipo de relacionamento humano, a dor obtém um sentido. Pois, “*esta alegria provém da descoberta do sentido do sofrimento*”²²¹. A pergunta sobre o porquê da

²¹⁴ Sobre o sentido cristão do sofrimento humano.

²¹⁵ SD 4.

²¹⁶ Esse pensamento não é nosso, mas é a resposta obtida da maioria das pessoas que entrevistamos (cf. respostas a pergunta 4 da seção III da nossa pesquisa).

²¹⁷ Col 1,24.

²¹⁸ Lc 10,33.

²¹⁹ EG 85.

²²⁰ EG 169.

²²¹ SD 1.

dor ou donde ela provém não é de hoje, mas é a grande pergunta sobre a história da humanidade; sobre a história da alegria. Isso leva São João Paulo II a dizer que: “*No fundo de cada sofrimento experimentado pelo homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: por quê?*”²²². Não dando uma resposta a esta pergunta, continuará afirmando que esta pergunta “*é uma pergunta acerca da causa, da razão e também acerca da finalidade (para quê?); trata-se sempre, afinal, de uma pergunta acerca do sentido*”²²³. Hoje somos cercados de tantos sofrimentos, tantos esforços fracassados, tanta fraqueza, tanta solidão, tantas vidas entregues que desaparecem no anonimato: tanta infelicidade e falta de alegria. Surge também, diante de tudo isso, a necessidade de encontrar o outro que está latente dentro da própria dor. A alegria diante da dor é a capacidade de fazer surgir os sofrimentos latentes dentro de nós e dar sentido a eles se dizendo sempre: “*completo na minha carne*”²²⁴. Isso conduz a experimentar a partilha do sofrimento, que se torna um meio eficaz de viver a alegria na dor.

3.4.2. Partilhar o sofrimento do outro por amor.

“*Aquilo que nós exprimimos com a palavra sofrimento parece entender particularmente algo essencial à natureza humana. É algo tão profundo como o homem, precisamente porque manifesta a seu modo aquela profundidade que é própria do homem e, a seu modo, a supera*”²²⁵; por isso, o sofrimento encontra seu sentido quando é partilhado. A busca da alegria é um caminho que leva a lugares não conhecidos e a situações não pensadas. Mas é preciso levá-la a termo, realizá-la, pois só assim se experimenta verdadeiramente aquela alegria que o Cristo veio anunciar. Isso é entender que “*ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho*”²²⁶. Este Cristo que, para a Encíclica RH²²⁷ é o lugar onde “*cada um dos homens se torna caminho da Igreja*”²²⁸. Usando a mesma expressão, pode-se então dizer que o Cristo é o caminho da alegria para cada homem. Pode-se ainda afirmar que o homem se torna

²²² SD 9.

²²³ Id.

²²⁴ SD 1. Diz o Apóstolo São Paulo, ao Explicar o valor salvífico do sofrimento.

²²⁵ SD 2.

²²⁶ EG 127.

²²⁷ Carta Encíclica *Redemptoris Hominis*.

²²⁸ RH 14. 18. 21. 22.

caminho²²⁹ de alegria, de modo particular, quando o sofrimento - entrando na sua vida - é partilhado com Cristo e com os outros. E é nessa ótica que a GS vai dizer que *“as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”*²³⁰. Uma das situações que ajudam a concretizar tais experiências é o acompanhamento e trabalho com pessoas excluídas.

*“O sofrimento parece ser, e é mesmo, quase inseparável da existência terrena do homem”*²³¹. Não se pode trazer aos outros a alegria, se antes não se entenda que Jesus não se pode entender senão como companheiro das pessoas marcadas pela fraqueza e sofredoras. A sua maior obra foi acompanhar prantos e dores, maiores do que os da própria morte. Ele acompanhou as doenças físicas e as sociais, acompanhou silêncios, e assim viu como os excluídos podiam reencontrar as suas dignidades perdidas ou roubadas; enfim Ele disse: *“Foi para isso que eu vim”*²³²: trazer alegria àqueles que a perderam ou a quem ela foi roubada. No fim das contas, precisa-se entender que, diante do sofrimento, haverá situações que no fundo serão resolvidas só a partir de um abraço constante feito da presença, da companhia, da referência e da acolhida. São esses pequenos atos que poderão trazer alegria, pois levam consigo a presença de Cristo que quer salvar a todos e precisa de nós. Em meio à tristeza, dor ou ao sofrimento, deve-se continuar a acreditar no poder do pequeno gesto feito com humanidade para criar alegria no meio do mundo.

3.4.3. Amizade: lugar do crescimento.

A amizade é um espaço que permite sermos nós mesmos. Na companhia de amigos, não é necessário se esconder, pois nos sentimos aceitos e queridos assim como somos. É por isso que o *“Amigo fiel é poderosa proteção: quem o encontrou, encontrou um tesouro. Ao amigo fiel há nada que se compare, pois nada equivale ao bem que ele é”*²³³. A amizade é uma das coisas queridas por Deus para o homem, pois traz para ele aquela alegria que todos necessitam. Por isso, pode-se dizer que os amigos são necessários: eles dão à vida outro sabor. Com eles é possível compartilhar aquilo que se é, o bem e o mal. Compartilham-se

²²⁹ SD 3.

²³⁰ GS 1.

²³¹ SD 3.

²³² Mc 1,38.

²³³ Eclo 6,14-15.

sentimentos e deixam-se que adentrem, alegrando-se com nossas alegrias e entristecendo-se com nossas tristezas, animando-nos e confrontando-nos. Aos amigos se recorre para buscar conselho, sabendo que eles nos conhecem e nos acolhem como somos e sempre estarão respeitando nossas palavras e nossos silêncios.

A amizade é uma das melhores manifestações de onde se constrói e se alimenta a alegria. Ela é um espaço que proporciona *“a aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: procurar e ter a peito o bem dos outros”*²³⁴. A amizade é um espaço favorável ao nosso amadurecimento e ao crescimento sem falsidade. Quem vive tal como é, na sinceridade, é alguém que traz dentro de si a verdadeira alegria e é capaz de contagiar outras pessoas com ela.

3.4.4. Jesus modelo de amizade.

Uma das experiências mais dolorosas é a perda da amizade. Não há quem não tenha tido essa experiência e é fácil entender a dificuldade que se enfrenta, a ferida que deixa e quanto demora a se curar. Aquilo que se vive e que acontece com tudo o que é humano acontece igualmente com a amizade. A amizade deve ser cuidada, e todos devem cuidar dela.

*“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”*²³⁵. Jesus é quem oferece a sua amizade a cada um de nós sem exclusividade. Como todo ser humano, Ele teve amigos mais íntimos, como os apóstolos ou discípulos que compartilharam a vida com Ele. Citem-se também pessoas como Marta, Maria ou Lázaro, que aparecem em diferentes momentos da vida de Jesus²³⁶. Mas é um equívoco entender que Jesus limitara a estes sua amizade; pelo contrário, deu-a a todos os que estavam dispostos a recebê-la. Solidarizou-se com os pecadores e se identificou com eles²³⁷, caminhou com as pessoas simples²³⁸ que ele chamou “bem-aventurados”, sentou-se e comeu com publicanos²³⁹ e também amigos na classe influente da sociedade²⁴⁰.

²³⁴ EG 178.

²³⁵ Jo 15,13.

²³⁶ Jo 11,1-43; Lc 10,38-42.

²³⁷ Lc 3,21.

²³⁸ Lc 6,20.

²³⁹ Lc 5,29-39.

²⁴⁰ José de Arimateia e Nicodemos

Jesus tinha uma vida cheia de compaixão para com os outros. Comovia-se e chorava pelos seus amigos²⁴¹, curou os enfermos devolvendo-lhes o controle de sua vida²⁴², chegou até às últimas consequências: entregar sua própria vida. Em tudo isso pode surgir uma pergunta: por que tudo isso? Porque, em tudo, Jesus queria devolver a todos e a cada um a alegria que está n'Ele e que o Pai lhe enviou para anunciar. Essa alegria, Ele não só quis dá-la, mas ainda ensinar como vivê-la com os outros, tal como afirma a GS: *“na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude”*²⁴³.

A amizade que Jesus oferece é um convite a partilhar e viver, então, a sua alegria²⁴⁴; essa alegria que ninguém poderá tirar²⁴⁵. Essa alegria oferecida na sua amizade é sem exclusões e chega até às últimas consequências. Uma alegria que brota da capacidade de superar até o sofrimento e a morte; tendo como força a amizade com Jesus. Essa alegria que nasce da amizade é a verdadeira novidade que *“o próprio Deus misteriosamente quer produzir, aquela que Ele inspira, aquela que Ele provoca, aquela que Ele orienta e acompanha de mil e uma maneiras”*²⁴⁶.

3.4.5. Alegria: fruto da vivência da amizade com o outro.

*“Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”*²⁴⁷. Recebendo de Cristo o amor, somos chamados a amar, pois todo ser humano precisa amar e ser amado. Jesus, com sua amizade, foi o primeiro a oferecer esse amor. Mas, Ele não só o oferece, ainda convida a partilhá-lo com os outros. Esse é um convite a um amor que tem compaixão, serve, acolhe a todos; é paciência. É um amor que se dá no dia a dia da existência - até as últimas consequências. Um amor que não se cansa, pois encontra a

²⁴¹ Jo 11,33.35: chorou no túmulo do seu amigo Lázaro.

²⁴² Lc 5,12-14.

²⁴³ GS 22.

²⁴⁴ Jo 15,11: *“Tenho-vos dito essas palavras para que a minha alegria permaneça em vós e a vossa felicidade seja completa”*.

²⁴⁵ Jo 16,20-23.

²⁴⁶ EG 12. Ele continua sendo amigo de seus amigos mesmo depois da morte. É essa mesma amizade encontrada no Cristo e vivida com Ele que somos interpelados e convidados a trazer aos outros que encontramos. Pois, com ela, podemos fazer renascer na vida deles a alegria perdida.

²⁴⁷ Jo 13,35.

sua plena realização e felicidade na partilha com os outros. É um amor que faz parte da identidade dos seres humanos. É um amor que lembra que todo ser humano, homem e mulher, tem desejo de amar e ser amado. Para ele se realizar, “*é preciso paciência, deixar de lado toda ansiedade e atribuir-lhe tempo, interesse e dedicação gratuita*”²⁴⁸.

Esse amor, que na verdade revela toda a realidade e a grande mensagem da Revelação trazida por Cristo, convida a cultivar aquilo que se chama de *inculturação do encontro*. Esse convite proporciona relações de amizade com o outro necessitado, relações nas quais todos partilham e recebem; relações que devem romper com os esquemas e desestabilizar a ordem estabelecida, mas que, sem dúvida, ajudam a mudar nossa vida; uma vez que são elas que proporcionam aquela alegria que se deseja e se busca. Para vivê-lo, “*precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro... Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores*”²⁴⁹.

A busca e a procura dessa alegria levam a lutar pela justiça. Essa luta, em nome do amor, requer que entremos no mundo dos excluídos através da amizade. “*como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem*”²⁵⁰. Essa entrada se realiza na comunicação humana e na proximidade da vida cotidiana: ela se realiza na inculturação do encontro com o outro. Só na medida em que aceitamos o outro como ele é e com aquilo que ele traz consigo que é possível destruir os pilares da injustiça. A nossa presença é, antes de mais nada, um convite ao encontro amistoso e comunicativo: encontro afetivo. Assim, a luta pela injustiça consegue fornecer identidade, dar valor, devolver dignidade, fazer com que o outro se sinta pessoa, pois só assim que ele é dignificado para poder transformar sua própria situação. Na medida em que o outro consegue transformar a sua própria situação é que vai nascendo a alegria. Ela, aqui, só terá sentido e significado quando o outro conseguir se sentir mais pessoa, digna e respeitada na sua essência de indivíduo e de ser humano. A alegria, então, brota e nasce do encontro feito com o outro na sua simplicidade.

O caminho da alegria passa pela concepção que se tem, em última análise, do ser humano. E como diz Libanio: “*a ética da vida facilita-nos descobrir a felicidade. Ela*

²⁴⁸ EG 146.

²⁴⁹ EG 171.

²⁵⁰ EG 87.

*percebe que, no cuidado de si e dos outros, no fundo, esbarramos na verdade suprema e no Bem último, que nos habitam e se fazem fonte de felicidade para nós e nos tornam causa de felicidade para os outros*²⁵¹. E ele diz ainda: “*Fica-nos, porém, ainda a tarefa de discernir nas pequenas realidades da vida quais encarnam algo desta Verdade e deste Bem para conduzir-nos pela via reta da felicidade. [...] Lá encontramos fonte fecunda de conhecimento e experiência*”²⁵².

²⁵¹ LIBANIO, João Batista. *A ética do cotidiano: Obra póstuma*. São Paulo: Paulinas, 2015. p.61.

²⁵² Id.

CONCLUSÃO

Após ter feito uma bela caminhada rumo à Redescoberta de uma nova forma de encontrar e viver a alegria à luz da Sagrada Escritura e do Magistério do Papa Francisco, é preciso, como em todo trabalho científico, fechar a nossa pesquisa. Reconhecemos estar longe de ter esgotado o assunto, pois, não somos nem os primeiros nem os últimos a trabalhá-lo. Mas o nosso objetivo aqui foi, abrir portas a novos debates, tendo em frente a grande preocupação de uma das mais antigas ciências²⁵³ que tem como princípio dar mais valor às perguntas e não às respostas. Seguir a filosofia se fez importante, pois “*a investigação metódica em todos os campos do saber, quando levada a cabo de um modo verdadeiramente científico e segundo as normas morais, nunca será realmente oposta à fé, já que as realidades profanas e as da fé têm origem no mesmo Deus*”²⁵⁴. E ainda: “*A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque “a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus e não se podem contradizer entre si*”²⁵⁵.

O nosso objetivo nesse trabalho foi, à luz da EG, analisar o pensamento do Papa Francisco a fim de descobrir a ideia e o caminho que nos levará a Redescobrir a verdadeira alegria e como indicar esse caminho a nossa sociedade em crise. Esse desejo nos levou então a mostrar que o conceito de ‘alegria’ veio perdendo o seu sentido próprio e que o verdadeiro sentido deve ser recuperado a partir dos ensinamentos de Cristo. A verdadeira Alegria se alcance e/ou se conquista quando conseguimos reconhecer e considerar o outro naquilo que ele é. A Alegria se encontra no encontro com o ser e não no ter.

Fomos levados a perceber que “*é dom do Espírito olhar com olhos dispostos a deixar-se impactar, interpelar, converter*”²⁵⁶. Esse foi o espírito que nos ajudou na defesa da nossa tese. Seguimos o método Ver-Julgar-Agir. Em primeiro olhando na história para ver como se interpretou a alegria ao longo da história da humanidade e tirar, dessa interpretação, aquilo que era considerado ser uma pessoa alegre ou feliz. Em segundo lugar, se fazia oportuno avaliar ou julgar esse dado histórico à luz da Sagrada Escritura e do

²⁵³ A filosofia.

²⁵⁴ GS 36.

²⁵⁵ EG 242.

²⁵⁶ CARO, O. C. V. A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, nº 283, p.625, jul. 2011.

Magistério da Igreja, sobretudo o do Papa Francisco com a Exortação *Evangelii Gaudium*, para enfim apresentar uma orientação que se quer teológico-pastoral²⁵⁷.

Precisamos olhar o mundo para responder às “alegrias e esperanças, às tristezas e angústias do ser humano de hoje”²⁵⁸ lemos na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II. Dessa orientação da GS, encontramos a necessidade de olhar o mundo para perceber qual é a situação e ver onde se colocou a ênfase na busca da alegria. Esse olhar nos ajudou a perceber que a busca da alegria é inerente ao ser humano, ela faz parte da sua história. É um direito de todos²⁵⁹, que não se pode negar a ninguém, ainda menos ser privado dele. Mas nessa busca, muitas vezes se confundiu alegria com prazer. O ser humano foi mais atrás do prazer e daquilo que lhe trazia prazer, do que daquilo que lhe trazia alegria. E isso foi gerando nele tristeza, angústias, sofrimento, isolamento e às vezes egoísmo. Isso foi criando uma sociedade esquizofrênica, depressiva, de isolamento, de máscaras, do consumismo, do narcisismo onde se vive só na base das ilusões, sonhos e alucinações. Criando uma sociedade que perdeu alguns valores como a gratidão, a gratuidade, o agradecimento, o amor, a ternura, a partilha, a paciência, a alegria e outras virtudes.

Tudo foi se resumindo hoje na busca do meu querer e do meu prazer promovendo a exploração do ser humano, se for preciso, e à perda da dignidade da vida humana. A busca da alegria se transformou em promoção da indiferença e da cultura do tudo se compra, e mesmo a capacidade de ser alegre/feliz, esquecendo-se que a “*felicidade não tem preço, nem se comercializa; não é um ‘aplicativo’ que se baixa no celular*”²⁶⁰. Em suma, o mundo está mais que caminhando na perda do verdadeiro sentido da alegria. O mundo está vivenciando uma grande crise que é ao mesmo tempo de época de mudanças e, sobretudo de mudança de época. Diante desse mundo, a Igreja ainda tem algo a ensinar, a falar?

Tem sentido propor o caminho de Jesus no mundo de hoje, onde se pensa que só as ciências e as tecnologias podem responder aos problemas do homem? O nosso objetivo na segunda parte do nosso trabalho foi justamente propor a recuperação do encanto e da alegria

²⁵⁷ Orientação ao mesmo tempo geral, para todos os homens sem distinção de religião e em particular para os cristãos.

²⁵⁸ GS 1.

²⁵⁹ “É interessante observar que o documento *Usamericano* não fala em direito à felicidade, e sim em direito de procurar a felicidade”. Comentário do Frei Betto ao artigo da *Declaração de Independência dos Estados Unidos*, formulada por Thomas Jefferson em 1776 que diz: “*Todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, e entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade*” in *Felicidade foi-se embora?* P.30.

²⁶⁰ Papa Francisco, Missa do jubileu dos Adolescentes, Praça de São Pedro, 24 de Abril de 2016. Disponível em http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2016_04_24.html. Acesso em 25 ab. 2016.

que há em seguir Cristo e anunciar o Evangelho. Isso, realizado através da pedagogia do próprio Cristo, à maneira da semente que cresce sem que percebamos²⁶¹ ou do fermento que leveda toda massa²⁶². Julgar então as realidades passadas e atuais à luz da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja²⁶³ foi ir à busca daquela “*verdade que ilumina a inteligência e modela a liberdade do homem que, deste modo, é levado a conhecer e a amar o Senhor*”²⁶⁴. Essa luz é o próprio Cristo, Ele é a “*luz verdadeira que a todo homem ilumina*”²⁶⁵. Os ensinamentos de Cristo se apresentam como “*educadora da liberdade e como um espaço para o exercício cristão da mesma*”²⁶⁶. Pois, se tudo viesse definido nos ensinamentos de Cristo, não haveria espaço de liberdade, mas apenas normas e obediência cega que em nada favoreceria o encontro pessoal com Deus e com os irmãos. Assim, como disse a EG 261, nosso desejo é então renovar, sacudir, impelir a todos numa decidida saída de nós mesmos a fim de encontrar os outros e com eles criar uma sociedade que vive e promove a alegria.

O magistério da Igreja não podia proceder de outra maneira, pois antes de mais nada, ele deve seguir o mandato que se encontra na Sagrada Escritura: “*sedes meus imitadores*”²⁶⁷. Seu papel então é interpretar, orientar e aplicar a Sagrada Escritura na sabedoria do povo de Deus e não de impor caminho ou estradas como pensam alguns. Isso dito, vemos que o magistério da Igreja deve ajudar a nossa sociedade a sair da crise, e essa saída deve ser vivida em primeiro lugar dentro da própria Igreja a fim de poder propor ao mundo afora. Ele, passando pela conscientização de cada um e em cada época, vem jogando um papel orientativo nos seus vários posicionamentos, sem tentativa de impor uma lei ou de ser normativo. Isso pode se ilustrar quando o próprio Francisco escreve: “*Não se deve esperar do magistério... uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo*”²⁶⁸. Isso mostra que o magistério, na busca dessa alegria, quer caminhar e iluminar todos, mas deixando a cada um a possibilidade de poder escolher e também o magistério deseja caminhar com os outros saberes, se iluminando e se ajudando, na busca do bem do ser humano.

²⁶¹ Mc 4,7.

²⁶² Mt 13,33.

²⁶³ Sobretudo do Magistério do Papa Francisco

²⁶⁴ VS, prólogo.

²⁶⁵ VS 1.

²⁶⁶ MIRANDA, M. F. Uma Igreja em processo de renovação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, nº286, p.391, abr.2012.

²⁶⁷ 1Cor 11,1.

²⁶⁸ EG 16.

“O amor é a carteira de identidade do cristão, é o único ‘documento’ válido para sermos reconhecidos como discípulos de Jesus”²⁶⁹. O amor é à base do Redescobrimento da verdadeira alegria, pois sem amor as outras atitudes que promovem a cultura da alegria não podem ser vividas. Isso implica que o amor deve ser “*novo em ardor, em seus métodos, em suas expressões*”²⁷⁰, ele exige então algo novo. A experiência amorosa é o ápice da alegria: amar e se sentir amado. Essa experiência passa por alguns momentos como o encontro com o outro. Esse encontro, em três etapas²⁷¹, nos proporciona a possibilidade de conhecer o outro. A base ou o modelo da experiência amorosa é o próprio Cristo que nos amou e nos pediu de amar assim como Ele nos amou²⁷². Aquele amor que é toda gratidão, que vai ao encontro do outro sem esperar nada em troca, que nos pede de nos ariscar para o outro que espera de nós. Esse amor é “*ser solidário, cúmplice. Dar força para outro. Essas indicações de Jesus são essenciais para o caminho da felicidade*”²⁷³. Esse foi o caminho seguido na terceira e última parte do nosso trabalho.

A alegria, escreve Leonardo Boff, “*revela um estado de espírito que não pode ser medido e pesado, apenas vivido e compartilhado. Mas, ele precisa ser cultivado, cuidado e alimentado. Caso contrário, entra a tristeza no lugar da felicidade*”²⁷⁴, essa foi o caminho que tentamos trilhar e indicar ao longo dessa pesquisa. Aquele caminho que pensamos poder ajudar na busca da alegria e mais ainda o seu verdadeiro sentido. A alegria ainda pode ser oferecida ao mundo e aceita, a mensagem cristã de alegria tem ainda coisas a ensinar ao mundo, mas precisamos saber como apresentá-la.

Ao termo desse trabalho, seria uma pretensão muito grande de nossa parte considerar que conseguimos esgotar o assunto. Por isso, nós nos sentimos na obrigação de abrir janelas para outros debates e, gostaríamos de deixar algumas perguntas que poderão ajudar a continuar o pensamento.

²⁶⁹ FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco na missa do jubileu dos Adolescentes*. Praça de São Pedro, 24 de Abril de 2016. Disponível em:

http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2016_04_24.html. Acesso em 25 ab. 2016.

²⁷⁰ JOÃO PAULO II, Discurso de abertura da XIX Assembleia do CELAM, Porto Príncipe. Disponível em: www.va/...ii/...1983/.../hf_ip-ii_spe_19830309_assemblea-celam_po.html.

²⁷¹ Etapas que apresentamos no terceiro capítulo desse trabalho: a aculturação: possibilidade de encontrar com o outro sem assimilação ou imposição de um sobre o outro. Depois a inculturação que é a etapa da partilha onde se faz a experiência da mudança, cada um oferece o que tem e ao mesmo tempo em que oferece também recebe do outro. Enfim a transculturação que é a transformação de nós, o encontro com o transcendente que se faz presente na partilha vivida na inculturação.

²⁷² Jo 13,34.

²⁷³ BETTO, Frei. Op. Cit. p.37.

²⁷⁴ BOFF, Leonardo. Op. Cit. p.44.

- Onde colocamos a nossa alegria? Em que objetos?
- A nossa alegria tem sustento ou é apenas algo que nasce do exterior?
- O caminho indicado pela ciência é o mais adequado para alcançarmos a alegria? Como podemos ser alegres? O que precisamos fazer para alcançarmos a alegria?
- Num mundo como aquele no qual vivemos, cheio de infelicidades e tristeza, podemos ser alegres? Como?
- Quais são as fontes da alegria? Como usá-las?
- A alegria sempre é o real propósito de vivermos? Com a maturidade fica mais fácil ser alegre?
- A alegria depende das outras pessoas da nossa vida? Podemos conquistá-la sozinhos?
- A alegria pode ser associada ao amor próprio? Depende de amor próprio a quem: se ao seu Ego ou a Si mesmo? Podemos, de forma verdadeira, treinar a mente para nos sentirmos alegres?

Algumas dessas perguntas foram tratadas ao longo do nosso trabalho, mas ter pontos de visto diferentes é sempre interessante, pois vimos no nosso trabalho que a colaboração com outros saberes e pessoas deve ajudar a se obter um caminho mais adequado e aberto a todos. Antes de fechar esse trabalho, gostaríamos de deixar um pensamento: A alegria não consiste em *“acumular mais e mais, em acumular qualquer coisa vendável, sem escrúpulos e sem respeito ao que é sagrado e dom gratuito da natureza”*²⁷⁵, mas sim a alegria se alcance *“quando, ..., cuidamos do Sagrado que arde em nós, que nos convence de que é melhor abraçar o outro do que rejeitá-lo, e que a vida vale mais do que todas as riquezas deste mundo”*²⁷⁶. Um mundo melhor e mais alegre é possível, este espera um pouco de cada um de nós para conhecer a verdadeira alegria. A construção e a redescoberta dessa alegria e desse mundo são possíveis, basta cada um de nós começarmos a fazer aquilo que está ao seu alcance.

²⁷⁵ Ibid. p.51.

²⁷⁶ Ibid. p.60.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martis Fontes, 2000.
- AGOSTINHO. *Confissões*. 9º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. Trad. Helmuth Alfredo S. Vol. 1&2. 4º edição. São Paulo: Loyola, 1988.
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini: Sobre a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BERGOGLIO, Mario Jorge. *Sobre a acusação de si mesmo*. São Paulo: Ave Maria, 2013.
- _____. *Educar: exigência e paixão*. São Paulo: Ave Maria, 2013.
- _____. *Educar: escolher a vida*. São Paulo: Ave Maria, 2013.
- BERTI, Enrico. *No princípio era a maravilha*. São Paulo: Loyola, 2010.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario Sergio. *Felicidade foi-se embora?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2015.
- BÍBLIA, Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.
- BRIGHENTI, Agenor. Uma instituição em crise em uma sociedade em crise. In PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In: SILVA, José Maria (Org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CARO, Olga Consuelo Vélez. A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, nº 283, p.619-627, jul. 2011.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHUPUNGO, Anscar J. *Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CNBB. *Jesus sempre nos espera: Palavras do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2014.
- _____. *A misericórdia muda o coração: palavras do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2015.

- EICHER, Peter (Dir.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. *El programa del Papa Francisco: ¿Adónde nos quiere llevar? Uma conversación com Paolo Rodari*. Buenos Aires: San Pablo, 2014.
- FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. *Deus não se cansa de perdoar! Mensagens de misericórdia*. São Paulo: Ave Maria, 2014.
- _____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2014.
- _____. *A Igreja da misericórdia: Minha visão para a Igreja*. São Paulo: Paralela, 2014.
- _____. *Reflexões na esperança*. São Paulo: Loyola, 2014.
- _____. *Misericordiae Vultus: Bula de Proclamação do jubileu extraordinário da Misericórdia*. Brasília: CNBB, 2015.
- _____. *O nome de Deus é misericórdia: Uma conversa com Andrea Torielli*. São Paulo, Planeta, 2016.
- _____. *Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia: Sobre o amor na família*. São Paulo: Paulus, 2016.
- JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dies Domini, sobre a Santificação do domingo*. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Carta Encíclica Veritatis Splendor: sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- _____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio: Sobre a validade permanente do mandato missionário*. 4ª edição. São Paulo: Paulinas, 1991.
- KANT, Emmanuel. *Critica da razão prática*. Dialética. Seção 5. São Paulo: Paulus, 2005.
- KASPER, Cardeal Walter. *Servidores da alegria, existência sacerdotal – serviço sacerdotal*. Tradução Milton Camaro Mota. São Paulo: Loyola, 2008.
- LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LIBANIO, João Batista. *A ética do cotidiano; Obra póstuma*. São Paulo: Paulinas, 2015.

- MARIÁS, Julián. *A felicidade humana*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- MIRANDA, Mário de França. Uma Igreja em processo de renovação. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, n.286, p.366-418, abr. 2012.
- SÍNODO DOS BISPOS. XIII Assembleia Geral Ordinária. *A nova evangelização para a transmissão da fé*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulus, 2015.
- QUEVEDO, Luís Gonzáles. *O novo rosto da Igreja: Papa Francisco*. São Paulo: Loyola, 2013.
- VIER, Frederico (coord. Geral). *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos e Declarações*. 25ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SITES ELETRÔNICOS

- FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco na missa do jubileu dos Adolescentes*. Praça de São Pedro, 24 de abril de 2016. Disponível em http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2016_04_24.html. Acesso em: 25 abril. 2016.
- _____. *Homilia da Missa de inauguração do Pontificado do Papa Francisco*, na solenidade de São José. 19 de março de 2013. Disponível em: https://w2.vatican.va/.../2013/.../papa-francesco_20130319_...omelia-inizi. Acesso em: 19 jan. 2016.
- JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Salvifici Doloris*: Sobre o sentido cristão do sofrimento humano. 1984. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html. Acesso em 18 fev. 2016.
- _____. *Discurso de abertura da XIX Assembleia do CELAM*, Porto Príncipe. Disponível em: www.va/...ii/...1983/.../hf_ip-ii_spe_19830309_assemblea-celam_po.html. Acesso em: 15 jun. 2015.
- PAULO VI. *Exortação Apostólica Gaudete in Domino*: sobre a alegria cristã. 1975. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19750509_gaudete-in-domino.html. Acesso em: 10 dez. 2014.

- _____ . *Exortação Apostólica, Evangelii Nuntiandi*: sobre a Evangelização no mundo Contemporâneo. 1975. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 17 fev. 2015.
- <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI>. <http://educação.uol.com.br/biografias>. Acesso em 16 nov. 2014.

**PESQUISA SOCIOLOGICA PARA REALIZAÇÃO DO TRABALHO DE FIM DE CURSO DE
TEOLOGIA.**

As respostas a essas perguntas serão guardadas segredas e serão usadas só para realização
desse trabalho. Respeitaremos o anonimato.

I) Identificação:

Sexo: M____

F____

Idade: de 15 a 20 anos____

de 21 a 25 anos____

de 26 a 30 anos____

de 31 a 40 anos____

de 40 a 50 anos____

+ de 50 anos____

Nacionalidade: Brasileiro____ outra____ qual?_____

Religião: _____ **Profissão:** _____

II) Perguntas de ambito geral:

1) Você gosta muito de assistir a TV? Sim ____ Não ____.
Senão porque?_____

2) Qual é seu programa preferido? Novela____ Filme____ Jornal____
Emissão religiosa____ Outro____ Qual tipo? _____

3) Usa muito o informática? Sim ____ Não____

4) Qual valor voce dà às publicidades? _____

5) Voce lê a Bíblia? Sim ____ Não ____

O que Ela representa para voce? _____

III) Perguntas sobre a “Alegria”:

1) Para você o que significa ser “Alegre” ou ser “Feliz”? _____

2) Pode-se associar “Alegria” e o “outro”? _____

3) Na busca da sua “felicidade” o próximo deve considerado? _____

4) “Alegria” e palavras como “dor”, “sofrimento” “fraqueza” combinam? _____

5) Para você o que representa uma pessoa feliz, alegre hoje? Ter____ ou Ser____

NB: Não tem obrigação de responder a todas as perguntas.